www.revistamaisdinamica.com.br

revista MAIS DINÂMICA®

Nosso foco é o seu sucesso!

ISSN 2357-8084
57
9 772357 808066
R$ 21,99
Agosto, Setembro e Outubro de 2026

Contato

Site

IDEIAS Mobiliário

NEGÓCIOS Atendimento

CULTURA & LAZER Imprensa

SAÚDE Emagrecimento

MODA Traje executivo



ANDRÉ DALMOLIM
Itapema | Porto Belo

DALMOLIM&MCA
EMPREENDIMENTOS

A arte de construir um *legado.*

DALMOLIM&MCA
EMPREENDIMENTOS

A arte de construir...

Arquitetura que inspira o amanhã.
Viva um estilo de vida exclusivo que une harmonia e pertencimento a um cenário privilegiado.



*Descubra este **novo marco**.*
Acesse o catalogo
através do **QRCODE**

PIATTO
RESIDENZIALE

@dalmolimconstrutora

DALMOLIM&MCA
EMPREENDIMENTOS

um **legado.**

A elegância acima de tudo.
Transformamos a visão de um cenário de privilégio em lares sólidos e autênticos, elevando a experiência de morar a uma atmosfera de sofisticação atemporal.

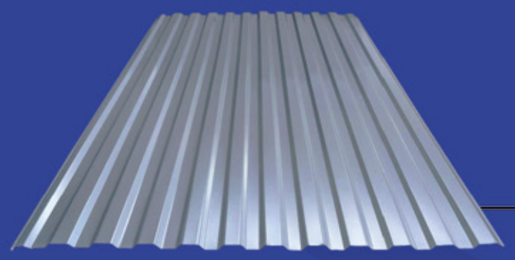


*Descubra este **novo marco**.*
Acesse o catalogo
através do **QRCODE**

TERZO VIALE

@dalmolimconstrutora

BRASIL MAX
TELHAS EM AÇO

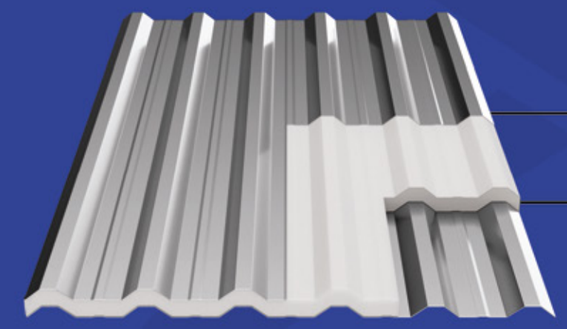


TELHA

49 99145-5000

49 98802-1676

brasiltelhascco@gmail.com



TELHA

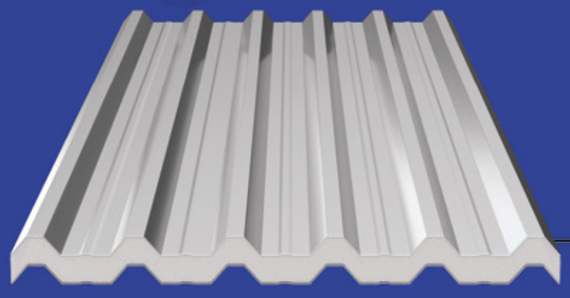
EPS

TELHA

Modelos

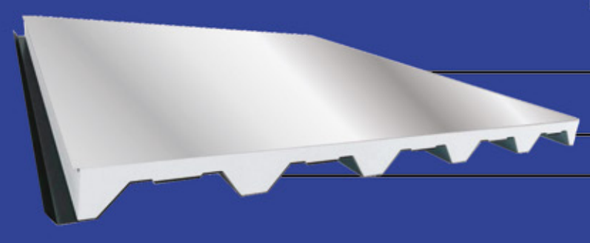
TP-25

TP-40



TELHA

EPS



FORRO

FILME

EPS

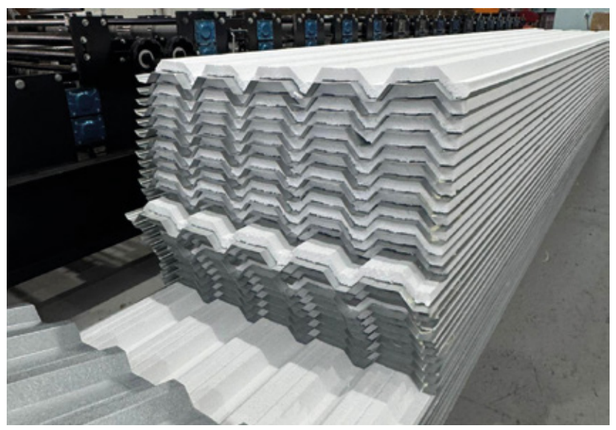
TELHA

Rua Nilo Peçanha esq. com
Santos Dumond N 481
Bairro São Cristóvão
Chapecó - SC















BRASIL MAX
TELHAS EM AÇO

49 99145-5000

49 98802-1676

Rua Nilo Peçanha esquina
com Santos Dumond N 481
Bairro São Cristóvão - Chapecó



revista MAIS DINÂMICA
Edição nº 57 | Agosto, Setembro e Outubro de 2026

10
IDEIAS
Chapecó aos 109 anos





38
NEGÓCIOS
Empresas familiares





58
CULTURA & LAZER
A nostalgia virou negócio

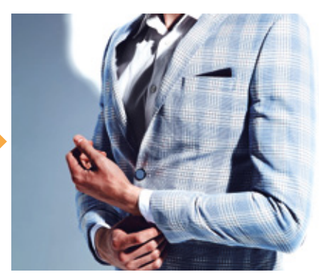




66
SAÚDE
Dormir bem



70
MODA
Traje executivo



Ideias
Chapecó aos 109 anos..... 10
Enquete - Chapecó aos 109 anos.....14
A nova geografia do trabalho.....16
Casas menores, vidas maiores.....18
Design que vende: mobiliário..... 22

Matéria de capa
A arte de construir 26
Enquete - A arte de construir 36

Negócios
A sucessão das empresas familiares 38
O retorno do atendimento humanizado.....44
O Poder Da Reurb.....46
Salão do Imóvel Chapecó.....48
ContaInvest Soluções Contábeis - Impostos... 52
3OFF e CMAX FORLA: 54
IO Novo Integralismo Brasileiro.....56

Cultura & Lazer
A nostalgia virou negócio 58
Revista Mais Dinâmica 60
17º Encontro da Imprensa Catarinense 62

Saúde
Dormir bem é o novo luxo?.....66
A nova era do emagrecimento.....68

Moda
O novo traje executivo 70

ESQUADRIAS EM PVC
TECNOLOGIA QUE TRANSFORMA PROJETOS EM EXPERIÊNCIAS.
Mais conforto, mais desempenho, mais qualidade para o seu projeto.
Colpo® Esquadrias Planejadas
CONFORTO TÉRMICO
Mais bem-estar em todas as estações do ano.
ISOLAMENTO ACÚSTICO
Ambientes mais silenciosos e agradáveis.
ALTA DURABILIDADE
Resistência, segurança e longa vida útil.
DESIGN E ACABAMENTO
Linhas modernas e acabamentos que valorizam seu projeto.
OBRAS QUE REFLETEM QUALIDADE
Soluções em PVC que transformam espaços e realizam o que realmente importa.
colpo.esquadrias.planejadas
Chapecó - SC
bazze pvc

O tempo de transformar

Caro leitor,

Abrir uma nova edição da Mais Dinâmica é também uma oportunidade para olhar ao nosso redor e perceber quanto das transformações que vivemos nasce de escolhas, trabalho e capacidade de imaginar novos caminhos.

Nesta edição, reunimos temas que atravessam negócios, cidades, comportamento, cultura, saúde e os diferentes modos de viver. Embora partam de universos distintos, eles revelam algo em comum: estamos constantemente construindo novas formas de trabalhar, morar, consumir, conviver e pensar o futuro.

A construção civil ganha um espaço especial nesta edição justamente por representar uma dessas grandes forças de transformação. Cada obra começa muito antes do primeiro movimento no canteiro. Há planejamento, conhecimento técnico, investimento, análise de contexto e decisões que irão determinar como aquele projeto se relacionará com as pessoas e com a cidade. A engenharia, ao longo da história, ajudou a transformar paisagens, ampliar possibilidades e responder aos desafios de cada época.

Esse movimento pode ser percebido também no desenvolvimento de Chapecó, que chega aos 109 anos marcada pela capacidade de transformar trabalho em crescimento. O avanço das cidades modifica seus espaços e também a maneira como seus habitantes vivem. O interesse por apartamentos compactos, por exemplo, revela novas prioridades e uma relação diferente com o espaço doméstico.

Nos negócios, outras transformações estão em curso. Novas gerações assumem empresas familiares, o relacionamento com o cliente recupera a importância da proximidade e eventos voltados ao conhecimento fortalecem conexões entre profissionais e setores. Em todos esses movimentos, permanece uma questão essencial: compreender o contexto para tomar decisões mais consistentes.

As mudanças também chegam ao cotidiano. O trabalho passa a ocupar novos territórios, enquanto roupas, cafés, barbearias e experiências culturais ganham novos significados. A nostalgia encontra espaço no mercado, antigas referências retornam à moda e os ambientes de convivência passam a desempenhar um papel importante na construção de vínculos.

Na saúde, a atenção ao descanso, ao bem-estar e às novas possibilidades de cuidado acompanha uma sociedade cada vez mais interessada em qualidade de vida.

Ao completar 18 anos, a Mais Dinâmica também celebra essa capacidade de acompanhar quem faz acontecer. São histórias de pessoas, empresas e cidades que ajudam a explicar as transformações ao nosso redor.

Que esta edição inspire você a observar essas mudanças com atenção e a reconhecer as oportunidades presentes em cada novo movimento.

Boa leitura!

**“Se o rei julga os pobres com justiça, o seu trono estará sempre seguro.
Quando os ímpios prosperam, prospera o pecado,
mas os justos verão a queda deles.”**

Provérbios 29:14;16 | NVI

revista MAIS DINÂMICA®
Edição nº 57
Agosto, Setembro e Outubro de 2026

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Marcos A. Bedin
MTB-SC 00085/JP SJSC 0172

EDITORA
Marli B. Roberto

DIRETORES ADMINISTRATIVOS
Marli B. Roberto
José Roberto

DIAGRAMAÇÃO
Leonardo Bonetti

CAPA
Mkg digital STRATEGY
Gustavo roso

ANÚNCIOS
Jéssica Balbinot Correia
Jônathas Roberto

REPORTAGEM E PRODUÇÃO
Vitor Hugo
Batista Santos

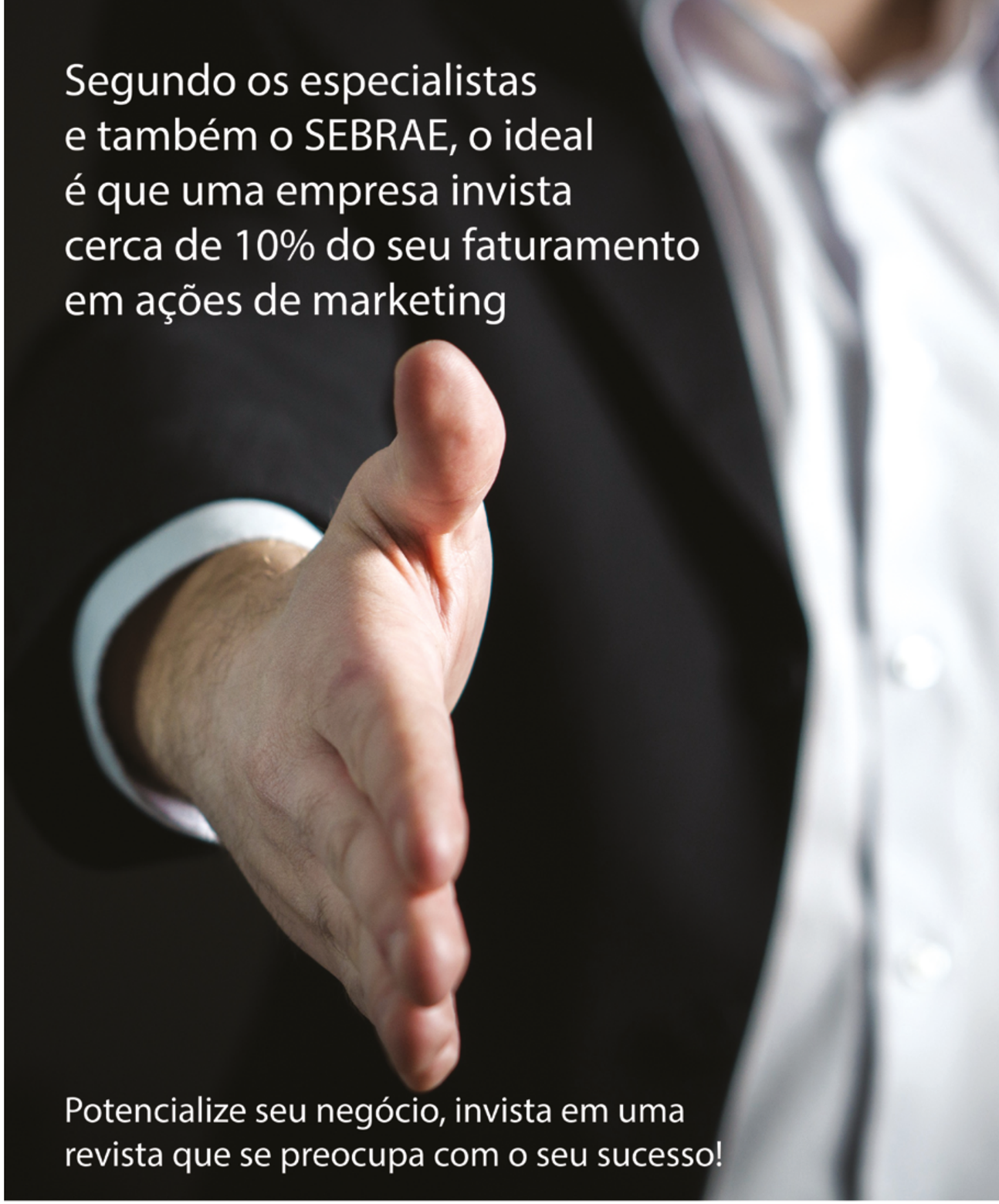
CORREÇÃO DE TEXTOS
Vitor Hugo
Batista Santos

DEP. COMERCIAL
Marli B. Roberto
José Roberto

DEP. JURÍDICO
Adv. Jônatas Nunes Correia
OAB/SC 48025

ATENDIMENTO AOS LEITORES, ASSINATURAS E ANÚNCIOS
(49) 99927.4071
(49) 99966.7176
(49) 3322.9978
revistamaisdinamica@gmail.com
www.revistamaisdinamica.com.br

Artigos assinados e opiniões de entrevistados não representam necessariamente a opinião da revista. A revista Mais Dinâmica não se responsabiliza pelo conteúdo dos anúncios e informes publicitátios. É proibida a reprodução total ou parcial dos textos sem autorização prévia da JM Editora. A revista Mais Dinâmica está registrada no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia com o nº ISSN 2357-8084.



www.revistamaisdinamica.com.br
revistamaisdinamica@gmail.com
49 3322.9978 | 99927.4071

revista MAIS DINÂMICA®



Foto Leandro Schmidt / PMC

Chapecó aos 109 anos: a cidade que transformou trabalho em desenvolvimento

O chapecoense tem um talento curioso: consegue falar de trabalho até na fila da padaria. Em poucas cidades o empreendedorismo aparece com tanta naturalidade nas conversas do cotidiano. Sempre existe alguém abrindo um negócio, ampliando um barracão, comprando caminhão, construindo prédio ou planejando uma nova indústria. Aos 109 anos, a cidade consolidou uma identidade baseada em crescimento econômico, mas também em uma espécie de orgulho coletivo de quem aprendeu a transformar esforço em desenvolvimento.

O Oeste catarinense inteiro gira em torno dessa força econômica, mas Chapecó virou o grande símbolo regional. A cidade cresceu impulsionada pela agroindústria, pela logística, pelo comércio e pelos eventos empresariais. E, convenhamos, poucas cidades conseguem misturar feira agropecuária, startup, caminhão frigorífico e fila para comprar pastel na Efapi com tanta naturalidade quanto Chapecó.

Nos últimos anos, a cidade recebeu uma série de grandes eventos que reforçaram esse protagonismo. A própria EFAPI continua sendo uma espécie de patrimônio emocional do chapecoense, um lugar onde se fecha negócio milionário durante o dia e se discute qual show foi melhor à noite. A edição mais recente recebeu investimentos pesados no Parque de Exposições, incluindo novos pavilhões e melhorias estruturais que ampliaram ainda mais a capacidade da feira. Além da EFAPI, eventos como Mercoagro, Fetranslog e feiras ligadas à inovação consolidaram Chapecó como um dos principais polos de negócios do Sul do Brasil.



Ao mesmo tempo, a cidade começou a investir mais fortemente em qualidade de vida e espaços públicos. Durante muitos anos, Chapecó cresceu quase exclusivamente olhando para produção, indústria e expansão urbana. Agora, existe uma tentativa mais evidente de tornar a cidade também agradável para quem vive nela. A revitalização do Parque Palmital virou um dos símbolos dessa mudança. O espaço ganhou novo chafariz, quadras, playground, áreas de convivência e pistas de caminhada. O Parque Edir de Marco também recebeu melhorias recentes, incluindo novos espaços infantis e áreas de lazer que vivem lotadas nos fins de semana, especialmente por famílias, corredores e pessoas levando cachorro para passear como se estivessem em um desfile oficial do bairro.

Outro destaque é o avanço dos novos parques urbanos, como o Parque Eldorado e os projetos na região da Efapi, que tentam ampliar as áreas verdes e criar novos espaços de convivência em uma cidade que cresceu rápido demais para pensar apenas nos carros. Chapecó parece finalmente entender que desenvolvimento não se mede apenas em toneladas exportadas ou metros quadrados construídos, mas também na possibilidade de as pessoas ocuparem a cidade de forma mais humana.

E falando em ocupação urbana, algumas ruas já fazem parte da identidade emocional chapecoense. A Avenida Getúlio Vargas continua sendo o coração simbólico da cidade, onde praticamente tudo acontece ao mesmo tempo: trânsito, negócios, café, reunião, buzina e alguém tentando estacionar em vaga impossível. A Nereu Ramos segue movimentada como um organismo vivo, enquanto a Ernesto de Marco vem recebendo obras importantes de duplicação e melhorias viárias. Já a região da Grande Efapi passa por um ciclo intenso de asfaltamento e expansão urbana, com dezenas de ruas recebendo pavimentação e infraestrutura nova.

Claro que nem tudo são flores. Chapecó enfrenta desafios proporcionais ao próprio crescimento. O trânsito piorou bastante nos últimos anos, especialmente em horários de pico. Encontrar estacionamento em algumas regiões virou praticamente um desafio pessoal urbano. Além disso, o crescimento

Vitor Hugo Batista Santos | Redação revista Mais Dinâmica

acelerado pressiona serviços públicos, habitação e mobilidade. A cidade ainda precisa equilibrar expansão econômica com planejamento urbano mais inteligente.

Outro desafio importante está na diversificação econômica. Embora a agroindústria continue sendo a grande força regional, Chapecó precisará ampliar sua capacidade de inovação e tecnologia para sustentar o crescimento nas próximas décadas. Existe um esforço crescente para fortalecer startups, universidades e setores ligados à economia digital, mas isso exige formação profissional, infraestrutura e retenção de talentos, especialmente dos jovens que frequentemente deixam a cidade em busca de oportunidades maiores.

E, claro, existe a eterna relação emocional com a Chapecoense. O clube continua sendo uma espécie



de patrimônio afetivo da cidade. Em Chapecó, a fase do time interfere até no humor coletivo de segunda-feira. Quando a Chape vence, o café parece mais forte e o trânsito menos irritante. Quando perde... bem, pelo menos sobra assunto para o almoço em família. Ainda assim, o clube simboliza muito da identidade chapecoense: resistência, reconstrução e capacidade de continuar em frente mesmo depois dos momentos mais difíceis.

Aos 109 anos, Chapecó já não é apenas uma cidade do interior catarinense. Tornou-se um polo econômico regional com ambições nacionais. E talvez seu maior mérito esteja justamente nisso: conseguir crescer sem abandonar completamente a sensação de cidade onde as pessoas ainda se conhecem pelo nome, ou pelo menos pelo apelido. ■

109 anos de Chapecó.

Uma cidade que nasceu da coragem de quem sonhou, cresceu pela força do trabalho e se tornou referência em desenvolvimento, inovação e oportunidades.

Cada conquista carrega a história de milhares de pessoas que ajudaram a construir esse lugar tão especial.

Que os próximos anos sejam de ainda mais crescimento, sustentabilidade, inclusão e qualidade de vida, preservando os valores que fazem de Chapecó uma cidade acolhedora e preparada para o futuro.

Parabéns, Chapecó, pelos seus 109 anos!



Ivonei Barbiero
Presidente Conselho de Administração
Credioeste
Chapecó

credioeste®
FORÇA PARA QUEM PRECISA



ALVENARIA ESTRUTUAL
Mais agilidade
Mais eficiência
CONHEÇA O PAVER
10cm
QUALIDADE
ALTA RESISTÊNCIA
50 MPa
PAVIMENTI blocos e pavers
pavimentiblocos.com.br
/pavimentiblocos
46 3524-1182
Francisco Beltrão-PR
49 3520-1140
Chapecó-SC
46 3263-1120
Palmas-PR
Certificações
Porque nosso negócio... é concreto!

Que marcas deixadas ao longo dos 109 anos de Chapecó mais inspiram a forma como você imagina o futuro da cidade?



Irio Grolli
Advogado aposentado e ex-juiz
Chapecó/SC

Há 109 anos, tudo isso era mata nativa. Para assegurar a ocupação de uma região que permanecia praticamente desabitada em razão da disputa territorial com a Argentina, o governo incentivou sua colonização. Hoje, com quase 300 mil habitantes, Chapecó é uma das cidades que mais crescem no Brasil, graças à força e ao talento do seu capital humano. Parabéns, grande Chapecó!

Ivonei Barbiero
Presidente do Conselho de Administração Credioeste Chapecó/SC



Ao chegarmos aos 109 anos da nossa cidade de Chapecó, linda, moderna, inovadora e acolhedora, só nos resta celebrar, junto com toda a comunidade, o sucesso construído por um povo trabalhador e corajoso. E não esperamos nada menos do que um futuro brilhante, sustentável e inclusivo.



Roni Tasca
Presidente Câmara de Dirigentes Lojistas CDL Chapecó/SC

A marca que mais inspira o futuro de Chapecó é seu espírito empreendedor. A cidade transformou desafios geográficos e a distância dos grandes centros em oportunidades, encontrou no agronegócio uma força econômica e construiu grandes empresas e cooperativas. Esse desenvolvimento também impulsionou a indústria, os serviços e o comércio, que dão movimento e vitalidade à cidade. Chapecó cresceu com o trabalho de famílias que criaram raízes, investiram e acreditaram na expansão do município. É essa capacidade de desbravar, empreender e avançar que deve continuar orientando o seu futuro.

Carlos Klaus
Presidente Associação Comercial, Industrial, Agronegócio e Serviços de Chapecó (ACIC) Chapecó/SC



O espírito empreendedor, a força do trabalho e a capacidade de união da nossa gente são marcas que atravessam os 109 anos de Chapecó. É esse legado que inspira a construção de uma cidade cada vez mais inovadora, sustentável e aberta a novas oportunidades, sem perder a identidade e os valores que nos trouxeram até aqui. Imagino um futuro construído coletivamente, no qual o desenvolvimento econômico caminhe ao lado da qualidade de vida e do bem-estar de toda a comunidade.



Waldemar Schmitz
Vice-presidente FIESC Regional Oeste Chapecó/SC

A coragem dos pioneiros, a força do trabalho e a capacidade de transformar desafios em oportunidades são marcas que definem os 109 anos de Chapecó. Ao longo dessa trajetória, a indústria teve papel fundamental na geração de empregos, no desenvolvimento econômico e na projeção do município para o Brasil e o mundo. Esse legado nos inspira a imaginar uma cidade ainda mais inovadora, sustentável e preparada para as transformações do futuro, com uma indústria tecnológica, competitiva e conectada às pessoas. Chapecó seguirá avançando ao unir tradição, conhecimento e visão de futuro, sem perder a essência empreendedora que sempre impulsionou seu crescimento.

Marcos A. Bedin
Especialista em Jornalismo Econômico, Diretor da MB Comunicação e Vice-presidente da Associação Catarinense de Imprensa/ Casa do Jornalista Chapecó/SC



Ao completar 109 anos, Chapecó exibe uma biografia marcada por conquistas. É o reflexo da determinação de seus colonizadores, mas também da ousadia das novas gerações que ousaram modernizar o comércio, erguer shopping centers, investir em hospitais, criar centros universitários de excelência e diversificar os serviços. A cidade projeta-se para o futuro sem abandonar suas raízes, consciente de que o equilíbrio entre tradição e inovação é o que garante sua perenidade como centro de referência. Não há exagero em dizer que Chapecó, hoje, é testemunho vivo da capacidade empreendedora do povo catarinense e brasileiro.

A nova geografia do trabalho:



Durante décadas, o trabalho ajudou a desenhar o mapa das cidades. Grandes centros urbanos cresceram ao redor de escritórios, fábricas e polos empresariais, enquanto milhões de pessoas organizavam suas vidas em função da proximidade física com o emprego. Morar perto do trabalho era um privilégio; enfrentar horas de deslocamento diário, uma rotina considerada quase inevitável. O endereço profissional determinava escolhas pessoais, influenciava o preço dos imóveis, moldava o comércio local e até definia quais regiões prosperariam economicamente. Agora, porém, essa lógica começa a ser reescrita.

A consolidação do trabalho remoto e híbrido alterou não apenas a forma como as pessoas trabalham, mas também a relação entre território, tempo e oportunidade. A mudança vai muito além das videoconferências ou das plataformas digitais. O que está em jogo é uma transformação silenciosa na distribuição do poder econômico e das possibilidades profissionais. Pela primeira vez em muito tempo, uma parcela significativa da população pode disputar vagas sem necessariamente viver nos grandes centros financeiros do país ou do mundo.

Isso não significa o fim das cidades, como muitos previram de forma apressada. As metrópoles continuam concentrando infraestrutura, serviços, universidades, cultura e influência política. No entanto, elas deixaram de possuir o monopólio absoluto das oportunidades. Um profissional pode viver em uma cidade média do interior e trabalhar para uma empresa sediada em São Paulo, Lisboa ou Nova York. Esse deslocamento simbólico altera profundamente a dinâmica social e econômica de diferentes regiões.

Em várias cidades menores, já é possível perceber os efeitos desse novo cenário. Cafés se transformaram em espaços de trabalho improvisados, bairros antes residenciais passaram a atrair profissionais independentes e o mercado imobiliário começou a responder à demanda de pessoas que priorizam qualidade de vida sem abrir mão de boas oportunidades profissionais. Em muitos casos, o custo de vida mais baixo permite que trabalhadores tenham uma renda proporcionalmente mais vantajosa do que teriam em grandes capitais.

Ao mesmo tempo, a nova geografia do trabalho desafia antigas ideias sobre sucesso profissional. Durante muito tempo, crescer na carreira significava migrar para os grandes centros e aceitar os custos emocionais e financeiros dessa decisão. Havia quase uma narrativa obrigatória de deslocamento: sair da cidade natal para "vencer". Hoje, embora isso ainda aconteça em muitas áreas, começa a surgir uma lógica diferente, menos baseada na centralização física e mais conectada à capacidade de circulação digital e intelectual.

Essa mudança também evidencia desigualdades que antes pareciam menos visíveis. Trabalhar de qualquer lugar não é uma possibilidade universal. Existem profissões que dependem da presença física e milhões de trabalhadores continuam presos à lógica tradicional do deslocamento diário. Além disso, a liberdade geográfica depende de infraestrutura adequada, acesso à internet de qualidade, segurança econômica e condições mínimas de moradia. O discurso romantizado do "trabalhe de onde quiser" frequentemente ignora que boa parte da população sequer possui um ambiente adequado para trabalhar em casa.

Outro ponto importante é que o trabalho remoto não eliminou a concentração de poder econômico, apenas a tornou mais difusa. Grandes empresas continuam definindo tendências, salários e formas de contratação. A diferença é que agora elas conseguem acessar talentos espalhados por diferentes regiões, enquanto profissionais disputam vagas em mercados muito mais amplos e competitivos. Se antes o concorrente estava na mesma cidade, agora ele pode estar em qualquer lugar do mundo.

Ainda assim, há algo profundamente transformador nesse processo. Quando o trabalho deixa de estar rigidamente preso ao território, as pessoas passam a reconsiderar o próprio significado de viver em determinados lugares. Questões como tempo livre, mobilidade, saúde mental, contato com a natureza e custo de vida ganham peso nas decisões individuais. O emprego deixa de ser o único eixo organizador da existência urbana.

Talvez a principal mudança não esteja na tecnologia, mas na percepção coletiva de que oportunidades não precisam mais obedecer às fronteiras tradicionais da geografia econômica. O mapa do trabalho está sendo redesenhado lentamente, não pela destruição das cidades, mas pela redistribuição das possibilidades. E, como toda transformação profunda, essa também produzirá novos centros, novas periferias e novas desigualdades. A diferença é que, desta vez, o endereço talvez não determine tudo. ■

Vitor Hugo Batista Santos
Redação revista Mais Dinâmica



Casas menores, vidas maiores:

O crescimento do interesse por apartamentos compactos

Houve uma época em que visitar o apartamento de alguém era quase uma competição silenciosa. Quanto maior a sala, mais impressionante parecia a vida daquela pessoa. Cozinha americana? Chique. Suíte? Respeitável. Três vagas na garagem? Um verdadeiro aristocrata urbano. Hoje, porém, muita gente troca metros quadrados por algo que parecia impossível há alguns anos: sanidade mental, menos boletos e uma rotina que não exige atravessar a cidade inteira apenas para comprar pão.

Os apartamentos compactos cresceram não apenas em número, mas também em prestígio. O que antes era visto como "apertado" começou a ganhar nomes sofisticados, iluminação estratégica e móveis que fazem mais funções do que alguns colegas de trabalho. O sofá vira cama, a mesa desaparece na parede, a cozinha se integra à sala e, dependendo do projeto, talvez tudo isso aconteça no mesmo metro quadrado. Há quase um espírito de engenharia espacial no modo como as cidades passaram a organizar a vida urbana.

Claro que existe um motivo bastante concreto por trás dessa tendência: morar ficou absurdamente caro. Em muitos centros urbanos, encontrar um apartamento amplo e bem localizado exige ou um salário milionário ou uma herança de procedência misteriosamente conveniente. Diante disso, os imóveis compactos deixaram de ser apenas opção de entrada no mercado e passaram a representar um novo modelo de vida. Melhor morar perto de tudo em 40 metros quadrados do que passar quatro horas por dia dentro de um carro para conseguir um terceiro banheiro que ninguém realmente usa.

"Os apartamentos compactos revelam uma transformação silenciosa na forma como as pessoas enxergam sucesso, consumo e qualidade de vida."

Mas reduzir o espaço também produziu mudanças curiosas nos hábitos cotidianos. Há pessoas descobrindo que talvez não precisassem guardar quinze panelas, quatro aparelhos de jantar e uma cadeira quebrada "porque um dia pode servir". Morar em ambientes menores obriga uma espécie de negociação permanente com os próprios excessos. Cada objeto precisa justificar sua existência. O apartamento compacto funciona quase como um reality show de eliminação doméstica: entrou algo novo, outra coisa provavelmente terá de sair.

Existe também um fator geracional nessa mudança. As gerações mais jovens parecem menos interessadas na ideia da casa monumental como símbolo máximo de sucesso. Em vez disso, cresce o desejo por praticidade, mobilidade e experiências urbanas. Muitas pessoas preferem investir em viagens, restaurantes, tempo livre ou flexibilidade profissional do que comprometer décadas de renda em um imóvel enorme. O status deixa lentamente de estar no tamanho da sala e passa a aparecer na possibilidade de viver perto do trabalho, fazer tudo a pé ou simplesmente conseguir tempo para existir sem um trânsito de duas horas.

O mercado imobiliário percebeu rapidamente essa transformação e fez o que o mercado faz de melhor: transformou necessidade em conceito. Apartamentos pequenos ganharam nomes modernos, áreas comuns sofisticadas e apresentações capazes de convencer qualquer pessoa de que dividir 32 metros quadrados com uma bicicleta, uma cafeteira e um gato é, na verdade, uma experiência cosmopolita. Piscina no rooftop, coworking, lavanderia compartilhada e espaço gourmet ajudam a vender a ideia de que talvez você nem precise sair do prédio para viver. O condomínio vira uma pequena cidade vertical, com taxa condominial proporcionalmente compatível com essa ambição urbanística.

Ao mesmo tempo, existe certa romantização exagerada dessa tendência. Nem todo mundo escolhe morar em espaços compactos por filosofia minimalista ou desejo de vida simplificada. Muitas vezes, trata-se apenas daquilo que cabe no orçamento. Há uma diferença importante entre reduzir excessos conscientemente e ser obrigado a adaptar toda a vida porque os preços urbanos se tornaram proibitivos. Em alguns casos, o discurso da "vida compacta" apenas tenta deixar elegante uma dificuldade econômica bastante concreta.

Além disso, viver em poucos metros quadrados exige talento diplomático. Quem divide apartamento sabe que pequenas desorganizações ganham proporções épicas. Uma mochila fora do lugar parece um acidente urbano. Uma pilha de roupas na cadeira transforma instantaneamente a decoração em cenário pós-apocalíptico. E trabalhar remotamente em ambientes pequenos adicionou uma nova camada de desafio: aprender a separar vida profissional da vida pessoal quando a mesa de jantar, o escritório e o local do café da manhã são exatamente o mesmo espaço.

Ainda assim, existe algo revelador no crescimento dessa preferência por apartamentos compactos. Talvez as pessoas estejam começando a desconfiar de que conforto não depende apenas de tamanho. Uma casa enorme pode significar isolamento, deslocamentos cansativos e manutenção infinita. Já um espaço menor, quando bem localizado e funcional, pode oferecer algo cada vez mais raro nas grandes cidades: tempo.

Os apartamentos compactos revelam uma transformação silenciosa na forma como as pessoas enxergam sucesso, consumo e qualidade de vida. A obsessão pelo excesso parece perder força diante de uma pergunta mais simples e talvez mais importante: quanto espaço uma vida realmente precisa ocupar? Porque, no cenário urbano atual, ter menos paredes para limpar pode acabar sobrando mais energia para viver o que acontece do lado de fora delas. ■



Vitor Hugo Batista Santos
Redação revista Mais Dinâmica



Elegância que transforma ambientes

Portas que unem design, qualidade e sofisticação.

Cada ambiente merece detalhes que façam a diferença. É com esse propósito que nossa empresa trabalha com portas laqueadas, desenvolvidas para quem busca beleza, acabamento impecável e personalidade em cada projeto.

A pintura laqueada proporciona uma superfície uniforme e sofisticada, valorizando desde projetos contemporâneos e minimalistas até ambientes clássicos e exclusivos. Disponíveis em diferentes cores, acabamentos e modelos, nossas portas são produzidas para harmonizar com a arquitetura e a decoração de cada espaço.

Mais do que uma porta, entregamos um elemento de destaque para o ambiente. Precisão nos detalhes, excelência no acabamento e compromisso com a qualidade fazem parte de cada projeto realizado.

Atendemos projetos residenciais, comerciais e corporativos, oferecendo soluções personalizadas de acordo com as necessidades de cada cliente.

Nossa missão é transformar entradas em experiências e ambientes em espaços únicos.

Portas laqueadas. Sofisticação em cada detalhe.

CS PORTAS

Telefone: (49) 99114-0358

Endereço: Rua Pequim 57, Passo dos fortes Chapecó/SC

Instagram: csportas

Nosso

Shopping

mais

PÁTIO

Aniversário Pátio Shopping



Design que vende:

como os móveis acompanham novas formas de viver

Poucas coisas revelam tanto sobre uma época quanto os móveis que ela produz. Sofás, mesas, armários e cadeiras nunca serviram apenas para sentar, guardar ou decorar. Eles também contam histórias sobre comportamento, trabalho, família, consumo e até ansiedade coletiva. Basta observar qualquer catálogo contemporâneo para perceber que os móveis atuais parecem menos interessados em durar gerações e mais preocupados em sobreviver à próxima mudança de apartamento.

O design de interiores deixou de ser apenas uma questão estética para se transformar em resposta direta às mudanças da vida cotidiana. As casas diminuíram, as rotinas ficaram mais aceleradas, o trabalho invadiu o espaço doméstico e as pessoas passaram a exigir funcionalidade quase cirúrgica dos ambientes. O resultado é um mercado que tenta vender não apenas móveis, mas soluções emocionais para o caos moderno.

A velha mesa de jantar, por exemplo, já não sabe exatamente qual é sua função. Em muitas casas, ela virou escritório durante o dia, espaço de refeições rápidas à noite e apoio improvisado para roupas no fim de semana. O mesmo acontece com sofás-cama, bancadas multifuncionais e móveis retráteis que prometem transformar 40 metros quadrados em um universo completo de possibilidades. Existe quase um espírito de ilusionismo na arquitetura contemporânea: a arte de convencer as pessoas de que cabe uma vida inteira dentro de apartamentos onde mal cabe uma bicicleta ergométrica.

Essa transformação não acontece por acaso. O design acompanha mudanças profundas nas formas de viver. Famílias menores, crescimento dos apartamentos compactos, aumento do trabalho remoto e rotinas urbanas mais individualizadas alteraram completamente as necessidades domésticas. Hoje, um móvel precisa ser bonito para o Instagram, funcional para a rotina, confortável para longas permanências em casa e, de preferência, fácil de desmontar caso o proprietário precise mudar de cidade, o que pode acontecer mais rápido do que antigamente.

Existe também um componente geracional importante nessa mudança. As gerações mais jovens parecem ter uma relação menos sentimental com os objetos permanentes. A ideia de comprar móveis "para a vida toda" perdeu força diante de uma cultura marcada por mobilidade, aluguel, flexibilidade e transformação constante. Em vez da sala monumental que atravessa décadas intacta, cresce a preferência por ambientes mutáveis, capazes de se adaptar rapidamente a diferentes fases da vida.



O mercado percebeu isso rapidamente. Hoje, vende-se conceito antes mesmo de vender madeira, metal ou tecido. Não basta oferecer um sofá; é preciso vender conforto emocional, praticidade urbana e sensação de pertencimento estético. O consumidor contemporâneo compra uma narrativa junto com o móvel. A cadeira não é apenas uma cadeira, ela representa produtividade minimalista. A estante não serve apenas para livros, ela comunica personalidade, bom gosto e um equilíbrio cuidadosamente calculado entre cultura e decoração.

As redes sociais intensificaram ainda mais essa lógica. Casas deixaram de ser apenas espaços privados e se transformaram em cenários permanentes de exposição digital. Ambientes organizados, iluminação aconchegante e móveis visualmente interessantes passaram a funcionar quase como extensão da identidade pública das pessoas. O lar contemporâneo também performa. Muitas vezes, a decoração parece menos pensada para viver e mais planejada para aparecer bem em fotografias.

Ao mesmo tempo, o design precisou responder a um problema bastante concreto: a falta de espaço. Em grandes cidades, o crescimento dos apartamentos compactos obrigou arquitetos e fabricantes a desenvolver soluções cada vez mais criativas. Camas com gavetas ocultas, mesas dobráveis, armários verticais e cozinhas modulares se tornaram peças centrais da vida urbana. Em alguns projetos, existe tanta funcionalidade escondida que abrir um móvel pode parecer uma experiência de escape room.

Mas talvez a principal transformação esteja na relação emocional entre pessoas e ambientes. A pandemia acelerou uma percepção que já vinha crescendo silenciosamente: a casa deixou de ser apenas lugar de passagem. Quando milhões de pessoas passaram a trabalhar, descansar, cozinhar, estudar e socializar dentro do mesmo espaço, os ambientes domésticos ganharam uma importância psicológica muito maior. O conforto deixou de ser luxo e passou a funcionar como mecanismo de sobrevivência cotidiana.

Isso explica por que o design contemporâneo insiste tanto em conceitos como acolhimento, bem-estar e funcionalidade afetiva. Sofás mais profundos, iluminação quente, materiais naturais e ambientes integrados tentam compensar o excesso de estímulos da vida urbana. Existe uma busca quase terapêutica por espaços que transmitam calma em um cotidiano permanentemente acelerado.

Claro que também há contradições nesse mercado. Enquanto o discurso do design fala em conforto e autenticidade, a lógica do consumo continua incentivando substituições constantes. Tendências mudam rapidamente, cores envelhecem em poucos meses e móveis passam a parecer "ultrapassados" muito antes de perderem utilidade. A indústria da decoração produz, em certa medida, uma ansiedade estética contínua: a sensação de que a casa nunca está completamente pronta.

Além disso, sustentabilidade virou palavra obrigatória no setor, embora nem sempre acompanhada de mudanças reais. Muitas marcas adotam linguagem ecológica enquanto continuam estimulando consumo acelerado e descarte frequente. O chamado "design consciente" frequentemente convive com móveis fabricados para durar pouco, embalados por campanhas que associam renovação constante à felicidade doméstica. Mesmo assim, existe algo revelador na maneira como os móveis contemporâneos acompanham as transformações sociais. Eles refletem uma época em que as pessoas tentam equilibrar mobilidade e pertencimento, praticidade e conforto, estética e funcionalidade. Talvez por isso o design atual seja tão obcecado pela ideia de adaptação. As casas mudaram, as famílias mudaram, o trabalho mudou, e os móveis precisaram mudar junto.

No final das contas, o sucesso de um móvel contemporâneo talvez dependa menos da sua aparência e mais da sua capacidade de responder às instabilidades da vida moderna. O design que vende hoje não promete apenas beleza. Ele promete organização em meio ao caos, conforto em meio à correria e, acima de tudo, a sensação de que talvez seja possível viver melhor mesmo quando o mundo parece pequeno demais, rápido demais e cheio demais. ■



Vitor Hugo Batista Santos | Redação revista Mais Dinâmica

Arquitetura, natureza e inovação inspiram o próximo lançamento da SM Santa Maria

Há momentos em que um lançamento imobiliário nasce antes mesmo de ganhar um nome. É quando as primeiras pistas começam a circular e o mercado percebe que algo diferente está sendo construído.

É exatamente essa sensação que antecede o próximo movimento da SM Santa Maria. Depois de um empreendimento que chamou a atenção pela assinatura internacional, a incorporadora prepara um novo projeto para Chapecó. Mas, desta vez, a expectativa não gira em torno de uma marca. Ela nasce de uma ideia.

Sem revelar muitos detalhes, a campanha convida o público a olhar para um conceito inspirado na transformação, na relação entre cidade e natureza e em uma arquitetura pensada para acompanhar novas formas de viver. A proposta dialoga com temas como biofilia, bem-estar e inovação, sugerindo um empreendimento onde o verde deixa de ser apenas um elemento estético para assumir um papel ativo na experiência de quem vive a cidade.

O protagonista da campanha é um camaleão criado com inteligência artificial. A combinação não é casual. Enquanto a tecnologia expande as possibilidades criativas, o animal simboliza a habilidade de evoluir, interpretar o ambiente e responder às mudanças. Uma metáfora contemporânea para um projeto que nasce olhando para o futuro, sem perder a conexão com a natureza.

Desenvolvido pelo Studio Ronaldo Rezende, com paisagismo da Tellini Vontobel Arquitetura, o empreendimento ocupará uma área central de Chapecó e reunirá studios e apartamentos compactos em uma proposta que combina design, funcionalidade e espaços voltados à convivência. A ideia é apresentar uma nova interpretação do morar contemporâneo, conectando arquitetura, paisagismo e qualidade de vida em um mesmo conceito.

Ainda sem nome divulgado, o lançamento já desperta curiosidade por sinalizar uma mudança de direção. Mais do que apresentar um novo edifício, a expectativa é de revelar uma nova leitura sobre o morar contemporâneo, mais conectado ao ritmo da cidade, às pessoas e às transformações do tempo.

Em breve, o mistério deixa de ser apenas uma promessa e passa a fazer parte da paisagem de Chapecó.



A ARTE DE CONSTRUIR:

como a engenharia moldou a sociedade moderna



Vitor Hugo Batista Santos | Redação revista Mais Dinâmica

Existe algo profundamente simbólico em observar uma cidade do alto. Ruas organizadas, pontes conectando margens, edifícios desafiando a gravidade, redes elétricas invisíveis sustentando rotinas inteiras e sistemas de abastecimento levando água a milhões de pessoas sem que quase ninguém perceba. A vida urbana contemporânea parece tão natural que raramente paramos para pensar no quanto ela depende de planejamento, cálculo, técnica e construção, elementos que sustentam praticamente todas as atividades humanas, desde o simples deslocamento diário até o funcionamento das grandes cadeias produtivas responsáveis por abastecer mercados, hospitais, escolas e indústrias. Poucas áreas transformaram tanto a experiência humana quanto a engenharia, uma ciência que, ao longo dos séculos, deixou de representar apenas a capacidade de erguer estruturas para se consolidar como uma das principais forças responsáveis por impulsionar o desenvolvimento econômico, social e tecnológico das civilizações.

A história da sociedade moderna é, em grande medida, a história da capacidade humana de construir soluções para sobreviver, crescer e reorganizar o mundo ao redor. A engenharia não produziu apenas obras físicas, ela alterou relações sociais, acelerou economias, aproximou territórios, ampliou cidades e redefiniu a própria percepção de progresso. Cada ponte construída encurtou distâncias não apenas geográficas, mas econômicas e culturais, cada estrada inaugurada alterou fluxos comerciais, hábitos cotidianos e oportunidades de desenvolvimento, criando novas conexões entre regiões antes isoladas e permitindo que pessoas, mercadorias, conhecimento e inovação circulassem com velocidade cada vez maior.

Essa relação entre engenharia e desenvolvimento permanece evidente ainda hoje. Mesmo em um cenário de desaceleração econômica global, a construção civil continua sendo um dos principais motores da economia brasileira, responsável por movimentar uma extensa cadeia produtiva composta por fabricantes de cimento, aço, cerâmica, equipamentos, tecnologia, transporte e serviços especializados. Análises recentes do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas apontam que, embora o setor tenha iniciado 2025 em um ritmo mais moderado do que o observado no ano anterior, a atividade permanece em expansão, sustentada principalmente pelo mercado imobiliário, pelos investimentos em infraestrutura e pela continuidade de programas habitacionais, demonstrando que construir continua sendo uma das formas mais eficazes de estimular emprego, renda e crescimento econômico.



> *A arquitetura e a engenharia deixaram de ser percebidas apenas como áreas técnicas para se tornarem elementos capazes de influenciar comportamento, bem-estar, produtividade e convivência social.*

Ao mesmo tempo, o setor enfrenta desafios importantes, entre eles o elevado custo do crédito, os juros ainda altos e a escassez de profissionais qualificados, fatores que exigem planejamento, inovação e aumento constante da produtividade.

Muito antes dos arranha-céus, das cidades inteligentes e das tecnologias digitais, a engenharia já funcionava como ferramenta de transformação civilizatória. Estradas romanas permitiram expansão territorial e integração política, aquedutos reorganizaram a vida urbana ao garantir abastecimento contínuo de água, portos ampliaram o comércio e favoreceram a circulação de pessoas, mercadorias e conhecimento entre diferentes povos. A construção nunca foi apenas técnica, ela sempre esteve ligada à forma como sociedades imaginavam o próprio futuro, materializando projetos políticos, econômicos e culturais capazes de modificar profundamente a organização da vida coletiva.



Cada período histórico deixou marcas permanentes por meio de suas construções. As pirâmides do Egito continuam impressionando pela precisão de sua execução, as muralhas erguidas para proteger cidades demonstram o domínio de técnicas construtivas extremamente sofisticadas para suas épocas, enquanto pontes, canais e sistemas de irrigação transformaram regiões inteiras em centros produtivos capazes de sustentar milhões de pessoas. Em todos esses casos, a engenharia desempenhou um papel muito mais amplo do que simplesmente solucionar problemas práticos, tornando-se instrumento de organização social, afirmação de poder e desenvolvimento econômico.

A Revolução Industrial intensificou radicalmente essa relação entre engenharia e desenvolvimento. O avanço das máquinas, das ferrovias e das estruturas metálicas alterou não apenas a produção econômica, mas a própria experiência humana do tempo e do espaço. Distâncias diminuíram, o transporte acelerou, as cidades cresceram em ritmo inédito e a engenharia passou a operar como linguagem concreta da modernidade. Pela primeira vez, era possível produzir em larga escala, transportar mercadorias por milhares de quilômetros em poucos dias e abastecer centros urbanos que cresciam continuamente, impulsionados pela industrialização e pela migração de trabalhadores.

Nesse período surgiram obras que simbolizavam muito mais do que funcionalidade. Pontes gigantescas, estações ferroviárias monumentais, portos, túneis e edifícios industriais passaram a representar poder econômico, capacidade técnica e confiança no futuro. Construir deixou de significar apenas resolver necessidades imediatas, as estruturas passaram também a comunicar ambição, domínio tecnológico e visão de desenvolvimento, transformando a paisagem urbana em uma expressão concreta do avanço científico.

As cidades modernas nasceram diretamente desse processo. A verticalização urbana, por exemplo, só se tornou possível graças ao desenvolvimento estrutural do aço e do concreto armado, materiais que revolucionaram completamente a engenharia civil ao permitir edificações mais altas, resistentes e seguras. O elevador transformou completamente a lógica dos edifícios e reorganizou o valor do espaço urbano. Antes disso, morar nos andares superiores significava desconforto e dificuldade de acesso, depois, tornou-se símbolo de prestígio, valorização imobiliária e qualidade de vida, demonstrando como uma única inovação tecnológica pode alterar profundamente a organização social das cidades.

Ao longo do século XX, a engenharia passou a moldar praticamente todos os aspectos da vida cotidiana. Rodovias conectaram regiões inteiras, usinas amplia-

Leão
POÇOS ARTESIANOS

Experimente e comprove, escolha o melhor!

Telefone Matriz: (49) 3361-4900
Telefone 24 horas: (49) 9 9987-1444

A GENTE É FERA NO QUE FAZ!

Legatto
RESIDENCIAL
a obra que vai mudar o cenário de Erechim
QUALIDADE POR EXCELÊNCIA
DIMENSÃO CONSTRUTORA



ram a capacidade energética, barragens reorganizaram territórios, aeroportos aproximaram continentes e sistemas de saneamento reduziram drasticamente a incidência de doenças urbanas. Muitas das maiores transformações sociais modernas aconteceram silenciosamente, escondidas em tubulações subterrâneas, redes elétricas, centrais de distribuição de energia ou estruturas que permanecem invisíveis ao olhar cotidiano, embora sustentem praticamente toda a dinâmica da sociedade contemporânea.

O crescimento urbano acelerado observado nas últimas décadas ampliou ainda mais essa responsabilidade. Segundo estimativas das Nações Unidas, a maior parte da população mundial vive atualmente em áreas urbanas, tendência que continuará se intensificando ao longo das próximas décadas, aumentando a demanda por habitação, mobilidade, saneamento, energia e infraestrutura resiliente. Isso significa que a engenharia deixou de atuar apenas como atividade construtiva para assumir uma função estratégica no planejamento das cidades, na adaptação às mudanças climáticas e na construção de ambientes mais eficientes, sustentáveis e preparados para responder aos desafios de uma população urbana cada vez maior.

Essa centralidade da engenharia torna-se ainda mais evidente quando observamos a forma como as cidades passaram a concentrar oportunidades econômicas, inovação e qualidade de vida. O crescimento das grandes metrópoles exigiu soluções cada vez mais sofisticadas para mobilidade, abastecimento, habitação e infraestrutura urbana, fazendo com que a engenharia deixasse de atuar apenas na execução de obras isoladas para assumir papel decisivo na organização funcional dos espaços urbanos. Planejar uma cidade passou a significar muito mais do que desenhar ruas ou definir zonas de expansão imobiliária, passou a envolver a integração entre transporte, drenagem, distribuição de energia, conectividade digital, preservação ambiental e ocupação racional do solo, compondo um sistema complexo no qual cada decisão interfere diretamente na vida de milhares ou milhões de pessoas.

Esse movimento também alterou profundamente a relação emocional dos indivíduos com os espaços construídos. A arquitetura e a engenharia deixaram de ser percebidas apenas como áreas técnicas para se tornarem elementos capazes de influenciar comportamento, bem-estar, produtividade e convivência social. Uma praça planejada para favorecer encontros fortalece vínculos comunitários, uma ciclovia amplia alternativas de deslocamento, um parque urbano reduz impactos das ilhas de calor e melhora a qualidade ambiental, um sistema eficiente de transporte coletivo aproxima trabalhadores dos centros econômicos e amplia oportunidades de emprego, enquanto bairros carentes de infraestrutura tendem a reproduzir desigualdades sociais que atravessam gerações. A engenharia, portanto, participa silenciosamente da construção das relações humanas, organizando os cenários onde a vida cotidiana acontece.

Ao mesmo tempo, o avanço técnico trouxe contradições importantes. O mesmo processo que permitiu crescimento econômico acelerado também contribuiu para expansão urbana desordenada, impermeabilização excessiva do solo, aumento da emissão de gases de efeito estufa e exploração intensiva de recursos naturais. Durante décadas, progresso foi praticamente sinônimo de construir mais, ocupar novos espaços e ampliar continuamente a capacidade produtiva, sem que os impactos ambientais fossem considerados com a mesma atenção dedicada aos indicadores econômicos. Em consequência, muitas cidades passaram a enfrentar problemas relacionados à mobilidade, enchentes, déficit habitacional, poluição e degradação ambiental, desafios que hoje exigem respostas muito mais complexas do que aquelas adotadas ao longo do século passado.

É justamente nesse contexto que a engenharia contemporânea assume uma nova responsabilidade. Se antes o desafio consistia em construir rapidamente para acompanhar o crescimento econômico, agora torna-se igualmente importante construir melhor, utilizando tecnologias capazes de reduzir desperdícios, otimizar recursos e prolongar a vida útil das estruturas. O conceito de desenvolvimento deixou de estar associado exclusivamente ao volume de obras executadas e passou a incorporar critérios de eficiência energética, sustentabilidade, inovação e responsabilidade social, refletindo uma mudança profunda na maneira como governos, empresas e profissionais compreendem o papel da infraestrutura no desenvolvimento humano.

Essa transformação também pode ser percebida no próprio desempenho da construção civil brasileira. Depois de anos marcados por oscilações econômicas, o setor voltou a apresentar crescimento consistente, impulsionado pela retomada de investimentos públicos e privados, pela expansão do mercado imobiliário e pela continuidade de programas habitacionais. Ainda assim, especialistas destacam que o cenário atual é de crescimento mais moderado, exigindo maior produtividade e planejamento das empresas. Estudos do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas indicam que a construção permanece sustentando níveis importantes de atividade econômica, embora conviva com desafios relacionados ao custo do financiamento, aos juros elevados, à inflação de determinados insumos e, principalmente, à dificuldade crescente de contratação de mão de obra especializada, um problema que afeta construtoras de diferentes regiões do país e que evidencia a necessidade permanente de qualificação profissional.

Essa escassez de trabalhadores qualificados revela uma característica muitas vezes pouco percebida pelo público. Embora a engenharia esteja associada às grandes obras e aos projetos estruturais, ela depende de uma ampla rede de profissionais técnicos, mestres de obras, operadores de máquinas, eletricistas, encanadores, soldadores, carpinteiros, armadores e especialistas que transformam cálculos e projetos em realidade concreta. Cada edifício erguido representa o trabalho coordenado de dezenas de profissões, formando uma cadeia produtiva que movimenta milhares de empresas e gera milhões de empregos diretos e indiretos, contribuindo significativamente para a economia nacional.

Esse impacto torna-se ainda mais evidente em polos regionais de desenvolvimento, como Chapecó e o Oeste catarinense, onde a construção civil acompanha o crescimento da indústria, do comércio e do agronegócio. A expansão imobiliária observada nos últimos anos, marcada pela verticalização de bairros, pelo surgimento de novos empreendimentos residenciais e comerciais e pela ampliação de investimentos em infraestrutura urbana, demonstra que o desenvolvimento regional depende diretamente da capacidade de planejar e executar obras com qualidade, eficiência e visão de longo prazo. Nesse cenário, entidades representativas do setor, sindicatos patronais e laborais, instituições de ensino e empresas têm desempenhado papel fundamental na formação de profissionais e na valorização da construção civil como atividade estratégica para o desenvolvimento econômico.

A engenharia também passou a dialogar de forma muito mais intensa com outras áreas do conhecimento. Projetar uma cidade eficiente já não depende exclusivamente de cálculos estruturais, mas da integração entre urbanismo, arquitetura, economia, sociologia, tecnologia da informação, ciência de dados e gestão ambiental. A construção contemporânea exige equipes multidisciplinares capazes de compreender não apenas as características físicas de uma obra, mas também seus impactos sociais, ambientais e econômicos, fazendo com que o enge-

Maria Lima

Há mais de 30 anos, uma parceria entre dois farmacêuticos e o desejo de promover a saúde e cuidar do bem-estar das pessoas deu origem às nossas lojas.
Atualmente, temos uma loja exclusiva de perfumaria, que entrega as melhores marcas do Brasil em perfumes, cosméticos e produtos importados para você adquirir com a certeza da qualidade que oferecemos.

@marialimacosmeticos

Av. Getúlio Vargas com São Pedro

(49) 3323-3121

(49) 98417-0841





nheiro do século XXI atue como um profissional preparado para resolver problemas cada vez mais complexos e interdependentes.

Essa mudança de perspectiva pode ser observada inclusive na maneira como as pessoas passaram a discutir o futuro das cidades. Durante muito tempo, o planejamento urbano privilegiou a circulação de veículos e a expansão imobiliária, enquanto temas como acessibilidade, caminhabilidade, áreas verdes e mobilidade ativa ocupavam posição secundária. Hoje, porém, cresce a compreensão de que cidades inteligentes não são apenas aquelas repletas de tecnologia, mas aquelas capazes de oferecer qualidade de vida, reduzir desigualdades e utilizar os recursos disponíveis de maneira eficiente. A engenharia, nesse contexto, deixa de ser apenas a responsável pela execução das obras para assumir também o compromisso de construir espaços mais inclusivos, resilientes e preparados para enfrentar as transformações das próximas décadas.

Se durante grande parte da história a engenharia esteve voltada para vencer obstáculos físicos, conectando territórios, ampliando a capacidade produtiva e permitindo o crescimento das cidades, o século XXI apresenta um desafio diferente, igualmente complexo e talvez ainda mais decisivo. Hoje, construir deixou de significar apenas erguer estruturas resistentes ou desenvolver soluções capazes de atender a uma demanda crescente por infraestrutura, passando a representar a necessidade de conciliar desenvolvimento econômico, responsabilidade ambiental, inovação tecnológica e qualidade de vida. Em outras palavras, a engenharia contemporânea já não pode ser medida apenas pela grandiosidade de suas obras, mas principalmente pela inteligência com que elas respondem aos problemas de uma sociedade em constante transformação.

Esse novo paradigma modificou profundamente a forma como projetos são concebidos. A sustentabilidade, que durante muitos anos foi tratada como um diferencial competitivo ou uma preocupação secundária, tornou-se um elemento central do planejamento urbano e da construção civil. Arquitetura bioclimática, eficiência energética, reaproveitamento de água, utilização de materiais recicláveis, redução da emissão de carbono, racionalização dos processos construtivos e adoção de fontes renováveis de energia deixaram de representar tendências futuras para integrar a rotina de milhares de empreendimentos em todo o mundo. O conceito de obra sustentável passou a envolver não apenas o impacto causado durante sua execução, mas todo o ciclo de vida da edificação, desde a escolha dos materiais até sua operação, manutenção e eventual reutilização.

Essa transformação também possui forte componente econômico. Construções mais eficientes tendem a consumir menos energia, reduzir desperdícios, diminuir custos de manutenção e oferecer melhor desempenho ao longo do tempo, fatores que beneficiam tanto investidores quanto usuários. Em um mercado cada vez mais competitivo, a busca por produtividade tornou-se indispensável, sobretudo em um contexto de custos elevados e necessidade permanente de otimização dos recursos disponíveis.

A própria dinâmica recente da construção civil brasileira demonstra essa mudança de comportamento. Embora o setor continue registrando expansão, análises do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas indicam que o ritmo de crescimento passou a ser mais moderado ao longo de 2025, reflexo de fatores macroeconômicos como taxas de juros elevadas, encarecimento do crédito e aumento dos custos financeiros. Ainda assim, a atividade permanece sustentada por fundamentos importantes, entre eles a continuidade da demanda habitacional, o desempenho positivo do mercado imobiliário e os investimentos públicos e privados em infraestrutura, evidenciando que a construção civil continua exercendo papel estratégico na economia brasileira, ainda que em um ambiente mais seletivo e desafiador.



Outro aspecto destacado pelos especialistas diz respeito ao comportamento da cadeia produtiva. O consumo de cimento, considerado um dos principais indicadores da atividade do setor, manteve desempenho positivo, sinalizando que as obras seguem em andamento, enquanto programas habitacionais continuam estimulando novos empreendimentos, sobretudo nas faixas de renda atendidas por políticas públicas de financiamento. Ao mesmo tempo, empresas têm buscado aumentar a produtividade por meio da industrialização da construção, da digitalização dos processos e da adoção de tecnologias capazes de reduzir retrabalhos e desperdícios, demonstrando que inovação e eficiência passaram a caminhar lado a lado.

Nesse cenário, a transformação digital ocupa posição de destaque. Softwares de modelagem tridimensional, plataformas colaborativas de gerenciamento de obras, drones para levantamento topográfico, sensores inteligentes, equipamentos automatizados e ferramentas baseadas em inteligência artificial estão modificando a rotina dos canteiros de obras. Processos que anteriormente dependiam exclusivamente da experiência prática agora são complementados por análises de dados capazes de antecipar problemas, reduzir custos e melhorar o controle de qualidade. A tecnologia permite identificar incompatibilidades ainda na fase de projeto, acompanhar cronogramas em tempo real, prever necessidades de manutenção e otimizar a utilização de materiais, tornando a construção civil uma atividade cada vez mais conectada e precisa.



Entre essas inovações, destaca-se a metodologia BIM, sigla para Building Information Modeling, que vem revolucionando a forma como edifícios e grandes obras são planejados. Mais do que um software, trata-se de um modelo integrado de gestão da informação, permitindo que arquitetos, engenheiros, projetistas e executores trabalhem simultaneamente sobre uma mesma base de dados, reduzindo conflitos, aumentando a previsibilidade dos custos e melhorando significativamente a eficiência das obras. O uso crescente dessa metodologia demonstra que a engenharia moderna depende tanto da circulação de informações quanto da resistência dos materiais, aproximando definitivamente a construção civil do universo da transformação digital.

Essa evolução tecnológica também modifica o perfil dos profissionais do setor. O engenheiro contemporâneo continua necessitando de sólida formação técnica, mas passa a desenvolver competências relacionadas à gestão, inovação, sustentabilidade, liderança e análise de dados. Trabalhar em equipes multidisciplinares tornou-se parte da rotina, exigindo capacidade de diálogo com arquitetos, urbanistas, economistas, ambientalistas, gestores públicos e especialistas em tecnologia da informação. A engenharia amplia, dessa forma, sua dimensão humana, compreendendo que as melhores soluções raramente surgem de uma única área do conhecimento.

Além disso, o próprio conceito de infraestrutura vem sendo ampliado. Se durante décadas ele esteve associado principalmente a rodovias, pontes, barragens e edifícios públicos, hoje incorpora redes digitais, sistemas inteligentes de mobilidade, eficiência energética, conectividade e resiliência climática. Uma cidade preparada para o futuro não depende apenas de concreto e aço, mas também da capacidade de integrar tecnologia, planejamento e gestão pública, criando ambientes urbanos capazes de responder rapidamente às transformações econômicas, ambientais e sociais que caracterizam o mundo contemporâneo.

As mudanças climáticas reforçam ainda mais essa necessidade de planejamento integrado. Episódios de chuvas intensas, enchentes, estiagens prolongadas, ondas de calor e outros eventos extremos deixaram de representar acontecimentos excepcionais para se tornarem desafios permanentes enfrentados por cidades em diferentes partes do mundo. Nesse contexto, a engenharia assume protagonismo não apenas na reconstrução de áreas afetadas por desastres, mas principalmente na prevenção de riscos e na criação de soluções capazes de tornar os centros urbanos mais resilientes. Sistemas modernos de drenagem, contenção de encostas, reservatórios de amortecimento, infraestrutura verde, pavimentos permeáveis e projetos voltados à recuperação de áreas degradadas demonstram que construir, atualmente, significa também preparar as cidades para responder a um cenário climático cada vez mais imprevisível.

Essa preocupação modifica, inclusive, a forma como governos, empresas e instituições enxergam os investimentos em infraestrutura. Durante muitos anos, grandes obras foram avaliadas quase exclusivamente pelo seu custo imediato ou pela capacidade de impulsionar a atividade econômica. Hoje, cresce a compreensão de que investimentos bem planejados geram benefícios que ultrapassam gerações, reduzindo despesas futuras com manutenção, diminuindo perdas provocadas por eventos climáticos, valorizando áreas urbanas e elevando a qualidade de vida da população. A infraestrutura deixa de ser entendida apenas como um conjunto de obras físicas e passa a ser reconhecida como patrimônio estratégico para o desenvolvimento sustentável.

Nesse cenário, a construção civil continua desempenhando um papel decisivo na economia brasileira. Além da capacidade de movimentar uma extensa cadeia produtiva, o setor permanece entre os maiores empregadores do país, reunindo milhões de trabalhadores e estimulando atividades que vão desde a indústria de base até os segmentos de tecnologia, transporte, comércio e serviços especializados. Cada novo empreendimento movimenta fornecedores de cimento, aço, vidro, madeira, equipamentos elétricos, revestimentos, logística e consultorias técnicas, criando um efeito multiplicador que alcança praticamente todos os setores da economia. Essa característica faz da construção civil uma das atividades com maior capacidade de impulsionar o crescimento econômico, sobretudo em períodos de retomada dos investimentos.

Em regiões dinâmicas como o Oeste de Santa Catarina, essa realidade torna-se ainda mais evidente. O crescimento econômico impulsionado pelo agronegócio, pela indústria alimentícia, pelo comércio e pela prestação de servi-

ços tem ampliado a demanda por edifícios residenciais, condomínios, centros empresariais, hospitais, escolas e obras públicas, consolidando cidades como Chapecó entre os principais polos de desenvolvimento do Sul do Brasil. O processo de verticalização observado nos últimos anos, acompanhado da expansão de novos bairros e da modernização da infraestrutura urbana, demonstra como a engenharia permanece diretamente ligada à evolução econômica regional, contribuindo para atrair investimentos, ampliar oportunidades e fortalecer a competitividade das empresas locais.

Ao mesmo tempo, entidades representativas da construção civil, sindicatos patronais e laborais, instituições de ensino e organizações voltadas à qualificação profissional desempenham papel cada vez mais relevante na formação de trabalhadores e na disseminação de boas práticas. Em um mercado marcado pela rápida incorporação de novas tecnologias e pela necessidade permanente de atualização técnica, investir em capacitação deixou de ser uma estratégia opcional para tornar-se condição indispensável à competitividade das empresas e à valorização dos profissionais que atuam no setor.

Essa valorização da qualificação revela uma característica essencial da engenharia contemporânea. Embora os avanços tecnológicos tenham ampliado significativamente a automação dos processos construtivos, nenhuma inovação substitui completamente a capacidade humana de interpretar problemas, desenvolver soluções criativas e tomar decisões diante de situações complexas. Grandes obras continuam sendo resultado da combinação entre conhecimento científico, experiência prática, planejamento detalhado e trabalho coletivo. Por trás de cada ponte, edifício, rodovia, hospital ou sistema de abastecimento existe uma rede formada por engenheiros, arquitetos, técnicos, mestres de obras, operários, projetistas, pesquisadores e gestores que transformam conhecimento em realidade concreta.

É justamente essa dimensão humana que torna a engenharia uma das atividades mais fascinantes da sociedade contemporânea. Diferentemente de outras áreas cuja contribuição permanece muitas vezes abstrata, a engenharia materializa ideias. Ela transforma desenhos em edifícios, cálculos em pontes, estudos em sistemas de abastecimento, planejamento em cidades inteiras. Cada obra representa uma resposta concreta a necessidades coletivas, refletindo não apenas domínio técnico, mas também escolhas econômicas, prioridades sociais e visões de futuro.

Existe também uma dimensão simbólica importante nesse processo. Grandes construções frequentemente marcam períodos históricos específicos, tornando-se referências culturais capazes de representar prosperidade, confiança e capacidade de inovação. Ao longo da história, sociedades eternizaram seus momentos de maior desenvolvimento por meio de obras monumentais, edifícios públicos, universidades, museus, pontes, monumentos e sistemas urbanos que permanecem como testemunhos da capacidade humana de imaginar e construir um futuro diferente daquele que existia anteriormente. As cidades contam suas histórias não apenas por meio de documentos ou fotografias, mas também através das estruturas que resistem ao tempo e continuam servindo às gerações seguintes.



Ao longo dos séculos, engenheiros ajudaram a transformar limitações em possibilidades. Regiões isoladas tornaram-se economicamente integradas, áreas antes consideradas inabitáveis passaram a sustentar milhões de pessoas, sistemas produtivos ganharam escala global e tecnologias construtivas redefiniram continuamente os limites do que parecia possível realizar. Poucas profissões acompanharam de maneira tão próxima as grandes transformações da humanidade, participando silenciosamente da expansão das cidades, da evolução da indústria, do fortalecimento das economias e da melhoria das condições de vida de bilhões de pessoas.

O futuro indica que essa importância tende a crescer. O avanço da inteligência artificial, da automação, da industrialização da construção, dos materiais de alto desempenho, das cidades inteligentes e das tecnologias voltadas à descarbonização promete transformar profundamente a maneira como as obras serão concebidas nas próximas décadas. A busca por edifícios energeticamente autossuficientes, infraestrutura adaptada às mudanças climáticas, sistemas urbanos conectados e processos construtivos cada vez mais eficientes demonstra que a engenharia continuará ocupando posição estratégica diante dos desafios do século XXI, mantendo sua capacidade histórica de reinventar a relação entre sociedade, tecnologia e desenvolvimento.

Existe algo quase artístico nesse processo. Construir exige precisão matemática, domínio científico e rigor técnico, mas também imaginação, sensibilidade e capacidade de visualizar possibilidades antes inexistentes. Toda grande obra nasce primeiro como ideia, transforma-se em projeto, converte-se em planejamento e, somente depois, ganha forma concreta por meio do trabalho humano. Pontes surgem onde antes havia separação, edifícios ocupam espaços vazios, estradas conectam regiões distantes e sistemas urbanos tornam possível o funcionamento cotidiano de cidades inteiras.

Poucas áreas interferem de maneira tão profunda e silenciosa no cotidiano coletivo. A maioria das pessoas raramente pensa sobre fundações, cálculos estruturais, redes de abastecimento, sistemas elétricos ou planejamento urbano enquanto atravessa uma ponte, liga a torneira de casa, utiliza transporte público ou entra em um hospital. Ainda assim, praticamente toda a vida contemporânea depende dessas estruturas invisíveis, concebidas para funcionar de maneira eficiente e quase imperceptível.



A sociedade moderna não foi moldada apenas por ideias, governos ou revoluções culturais. Ela também foi construída literalmente, pedra sobre pedra, concreto sobre concreto, inovação após inovação. Cada cidade, rodovia, sistema elétrico, barragem, escola, aeroporto, porto ou edifício representa a convergência entre conhecimento técnico, organização social e capacidade humana de imaginar futuros possíveis. A engenharia continua sendo, acima de tudo, a arte de transformar necessidade em estrutura, desafio em solução e visão em realidade concreta e, enquanto existirem cidades crescendo, sociedades buscando novos caminhos de desenvolvimento e pessoas dispostas a construir um futuro melhor, ela permanecerá desempenhando um papel indispensável na história da humanidade, demonstrando que as maiores transformações nem sempre acontecem de forma espetacular, mas muitas vezes surgem silenciosamente, uma obra de cada vez. ■



Na sua visão, qual é o maior desafio da engenharia e da construção civil contemporânea para equilibrar crescimento urbano, inovação tecnológica e a criação de cidades mais humanas, sustentáveis e preparadas para o futuro?

José Brill Wolff Diretor - JBW Construções - Chapecó/SC



O maior desafio da engenharia e da construção civil contemporânea é conciliar crescimento e inovação sem perder de vista as pessoas. Não basta construir mais, é preciso construir melhor: cidades que sejam eficientes, sustentáveis, acessíveis e que proporcionem qualidade de vida.

A tecnologia, a industrialização dos processos e a busca por soluções mais sustentáveis são fundamentais para esse futuro, mas precisam estar aliadas a um planejamento urbano responsável e a uma visão de longo prazo. O desafio está justamente em equilibrar desenvolvimento econômico, responsabilidade ambiental e bem-estar coletivo.

Em cidades que crescem e se transformam como Chapecó, temos a oportunidade de fazer esse movimento de forma planejada, pensando não apenas nos empreendimentos que entregamos hoje, mas na cidade que queremos deixar para as próximas gerações.



Carol Ruffo
Head Comercial Dalmolim & MCA Empreendimentos
Itapema/SC

O maior desafio da engenharia e da construção civil contemporânea não é apenas construir mais, mas construir melhor. Isso significa integrar inovação tecnológica, planejamento urbano, sustentabilidade, resiliência climática e gestão eficiente dos recursos para criar cidades que coloquem as pessoas no centro das decisões. Tecnologias como BIM, inteligência artificial e digital twins são importantes, mas seu verdadeiro valor está em apoiar decisões mais inteligentes, reduzir desperdícios e ampliar a qualidade de vida. O futuro da engenharia será medido menos pelo volume de obras executadas e mais pela capacidade de gerar infraestrutura resiliente, inclusiva e preparada para as próximas décadas.

Alexandre Fiorini
Sócio-proprietário e Engenheiro Cívil
Fiorini Construtora e Incorporadora LTDA - Chapecó/SC



O maior desafio para equilibrar o crescimento urbano com o conceito de cidade tecnológica e sustentável do futuro reside no custo da construção civil, que tem aumentado significativamente acima do poder de compra da população. Infelizmente, o Brasil enfrenta um elevado déficit habitacional, tornando a aquisição da casa própria cada vez mais cara e inacessível — um reflexo direto dos custos de produção e da alta carga tributária.

Atualmente, a produtividade na cadeia produtiva da construção civil brasileira ainda é limitada pelo modelo de execução majoritariamente artesanal. No entanto, a principal oportunidade para otimizar os processos e reduzir custos está na industrialização do setor e na busca por métodos que agilizem as obras, garantindo a entrega de materiais de qualidade no menor tempo e com o menor custo possível.

Trata-se de uma busca constante por soluções que tornem a habitação acessível a toda a população, garantindo a conquista da casa própria e permitindo que todos vivam bem na cidade que desejam.

André Luiz Dalmolim
Sócio-proprietário Dalmolim Construtora
Itapema/SC

Na minha visão, o maior desafio da engenharia e da construção civil contemporânea é integrar inovação, sustentabilidade e planejamento urbano sem perder de vista as pessoas. Mais do que construir edifícios, precisamos criar espaços que promovam qualidade de vida, bem-estar, eficiência e conexões humanas. O futuro das cidades depende de decisões tomadas hoje, conciliando tecnologia, responsabilidade ambiental e desenvolvimento econômico para entregar ambientes resilientes, inteligentes e verdadeiramente preparados para as próximas gerações.



Felipe Balzan - Presidente do 20º Salão do Imóvel e 2ª Techcon
PAX Empreendimentos - Chapecó/SC

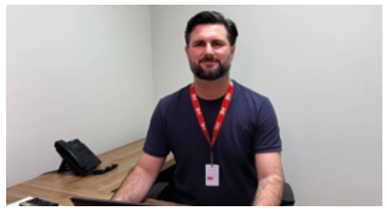
O maior desafio não é escolher entre crescer rápido ou usar tecnologia de ponta, mas sim equilibrar a velocidade do desenvolvimento com a inteligência construtiva e a escala humana. O setor imobiliário e da construção civil precisa vencer três pilares fundamentais. Primeiramente, superar o gargalo da produtividade pela industrialização; com mais de 500 obras simultâneas na cidade e forte demanda por mão de obra qualificada, a engenharia não pode depender apenas de métodos artesanais. A inovação tecnológica que debatemos na Techcon é o que garante que a construção seja mais rápida, limpa e segura. O segundo ponto é a sustentabilidade com viés econômico e social. Cidade sustentável é otimização de insumos no canteiro, redução de resíduos e eficiência energética na vida útil do edifício. O volume de negócios que projetamos na Feira prova que a sustentabilidade precisa se converter em valor acessível para o comprador final e retorno para quem investe. e terceiro,a tecnologia tem que estar a serviço das pessoas. O prédio mais inteligente é aquele que melhora a vida de quem mora e não sobrecarrega a infraestrutura do bairro. O verdadeiro desafio é garantir que o adensamento urbano venha acompanhado de qualidade de vida, mobilidade e espaços que promovam a convivência.



Marcos Antonio Schenatto
CEO Pavimenti Blocos e Pavers
Chapecó/SC,
Francisco Beltrão/PR e Palmas/PR

Na minha visão, o maior desafio não é apenas construir mais, mas construir melhor. O verdadeiro equilíbrio está em atender ao crescimento das cidades sem comprometer a qualidade de vida das pessoas nem os recursos das próximas gerações. Com sustentabilidade real reduzindo a emissões de carbono. Com tecnologia da industrialização, evitando desperdícios. Com cidades mais humanizadas. O grande risco da engenharia contemporânea é focar apenas na eficiência técnica ou econômica. Uma cidade pode ter edifícios modernos e infraestrutura avançada, mas ainda assim ser desconfortável, poluída, desigual e pouco acolhedora.





Filipe Savoldi
Diretor de Engenharia
SM Santa Maria
Chapecó/SC

Acredito que o maior desafio da engenharia hoje seja equilibrar o crescimento urbano com a responsabilidade de construir cidades melhores para as pessoas. Não basta inovar ou adotar novas tecnologias; é preciso utilizá-las para desenvolver empreendimentos mais eficientes, que facilitem as rotinas e estejam integrados ao ambiente urbano. Na SM Santa Maria, buscamos incorporar essa visão em nossos projetos. Trabalhamos com uma esteira de produtos consistente, fundamentada em princípios sólidos de arquitetura, engenharia e urbanismo. Cada empreendimento é pensado com foco na qualidade de vida, na sustentabilidade e na eficiência ao longo de todo o seu ciclo, sempre orientado por uma visão de longo prazo e pela responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento da cidade.

Marcelo Fiorini
Sócio-proprietário
Fiorini Construtora
Chapecó/SC

O desafio das empresas é trabalhar em sintonia com o setor público, para planejar bem o crescimento da cidade. Quanto à inovação, utilizar técnicas mais rápidas, sustentáveis e que demandem menos mão de obra, agregando soluções que promovam a produção de energia, e menos consumo, atento às demandas do cliente.





A sucessão das empresas familiares chegou à geração dos millennials

Durante décadas, muitas empresas familiares brasileiras funcionaram quase como extensões da figura do fundador. O negócio carregava sua personalidade, seus hábitos e até suas manias administrativas. As decisões eram centralizadas, as relações profissionais frequentemente se misturavam às relações afetivas e o crescimento da empresa acontecia muito mais na base da experiência prática do que de planejamentos sofisticados. Agora, porém, uma mudança silenciosa começa a alterar esse modelo: a sucessão chegou à geração dos millennials.

Os filhos que cresceram ouvindo conversas sobre fornecedores na mesa do almoço ou acompanhando o movimento da loja nos fins de semana assumem gradualmente o comando de empresas construídas pelos pais e avós. Mas essa transição não envolve apenas troca de nomes no contrato social. Ela representa o encontro, e muitas vezes o choque, entre duas formas diferentes de enxergar trabalho, gestão e futuro.

Os fundadores pertencem, em grande parte, a uma geração moldada pela estabilidade, pela permanência e pela lógica do esforço contínuo. Muitos construíram patrimônio em períodos de enorme instabilidade econômica e aprenderam a administrar negócios com forte controle financeiro, relações pessoais sólidas e presença constante no cotidiano da empresa. Para eles, trabalhar significava dedicação quase integral. Férias eram raridade. Separar vida pessoal e profissional parecia luxo desnecessário.



Já os millennials chegaram à gestão em um contexto completamente diferente. Cresceram em um mundo mais digitalizado, acelerado e instável. Foram apresentados desde cedo a conceitos como inovação, propósito, saúde mental, flexibilidade e transformação tecnológica. Muitos possuem formação acadêmica mais ampla do que as gerações anteriores e carregam referências internacionais sobre liderança, cultura organizacional e estratégias de crescimento.

O problema é que essas duas visões nem sempre convivem de maneira pacífica. Em muitas empresas familiares, a sucessão virou um delicado exercício de diplomacia doméstica. O pai ainda quer aprovar cada decisão importante; o filho deseja modernizar processos. A geração mais antiga desconfia de reuniões sobre cultura organizacional e branding; a geração mais jovem tenta explicar por que presença digital não é "perda de tempo na internet". Em certos casos, a maior inovação tecnológica da empresa continua sendo o grupo da família no WhatsApp.

"A nova geração entende que inovação deixou de ser diferencial e passou a funcionar como requisito básico de sobrevivência."

Ao mesmo tempo, os millennials também enfrentam um desafio particular: herdar um negócio consolidado sem parecer apenas "o filho do dono". Existe uma pressão constante para provar competência diante de funcionários antigos, parceiros comerciais e até dentro da própria família. Diferentemente dos fundadores, que construíram autoridade praticamente do zero, os sucessores precisam conquistar legitimidade em estruturas já estabelecidas.

Essa transição acontece em um momento especialmente complexo da economia. Empresas familiares precisam lidar simultaneamente com digitalização, mudanças de consumo, competição global e transformação do mercado de trabalho. Não basta mais repetir fórmulas que funcionaram durante décadas. A nova geração entende que inovação deixou de ser diferencial e passou a funcionar como requisito básico de sobrevivência.

Por isso, muitos sucessores millennials tentam introduzir mudanças profundas nas empresas familiares. Processos mais

profissionalizados, uso intensivo de tecnologia, estratégias digitais e modelos de gestão menos hierárquicos aparecem como prioridades frequentes. Em algumas empresas, a transformação é gradual. Em outras, produz verdadeiros choques culturais internos, especialmente quando o fundador ainda circula diariamente pela empresa lembrando como tudo era "muito melhor antigamente".

Mas a sucessão geracional também trouxe mudanças positivas importantes. Muitos negócios familiares passaram a discutir temas antes ignorados, como governança corporativa, planejamento sucessório, diversidade e equilíbrio entre vida pessoal e trabalho. Há uma percepção crescente de que empresas saudáveis dependem não apenas de lucro, mas também de capacidade de adaptação e retenção de talentos.



Claro que nem toda sucessão funciona bem. Algumas empresas enfrentam conflitos familiares intensos, resistência à mudança e dificuldade de profissionalização. Em certos casos, a geração mais jovem sequer deseja assumir o negócio da família. Afinal, os millennials cresceram ouvindo discursos sobre realização pessoal e liberdade profissional, o que torna menos automática a ideia de continuar o legado empresarial dos pais.

Ainda assim, essa mudança geracional revela algo importante sobre o capitalismo brasileiro. As empresas familiares continuam sendo parte essencial da economia, mas agora precisam aprender a sobreviver em um ambiente muito diferente daquele em que nasceram. A chegada dos millennials à liderança não significa ruptura completa com o passado, mas uma tentativa de equilibrar tradição e transformação.

A sucessão das empresas familiares talvez seja menos sobre herdar negócios e mais sobre reinterpretar legados. Porque administrar uma empresa construída pela família envolve um desafio delicado: modernizar sem destruir a identidade que permitiu que ela existisse até aqui. ■

Vitor Hugo Batista Santos
Redação revista Mais Dinâmica



MusiSchool

Aprenda Música de Um Jeito Diferente

Cursos

- Técnica Vocal
- Teclado
- Violão e Ukulelê
- Musicalização Infantil

Modalidade

- Individual
- Trio
- Dupla
- Quarteto

@ojonathassouza @amusischool

Jonathas Roberto
49 99806-7976

Mobilidade que transforma

Em um mundo em constante movimento, a **Quantik Mobilidade** nasceu com um propósito: **tornar a mobilidade mais acessível, sustentável, segura e independente para todos.**

Mais do que oferecer veículos elétricos, buscamos **proporcionar liberdade, autonomia e praticidade**, criando soluções que atendam às diferentes necessidades e tornem os deslocamentos mais simples e agradáveis.

E para garantir que essa experiência continue depois da compra, **contamos com assistência técnica especializada** e **garantia para nossos clientes.** Aqui, você não precisa se preocupar em ficar sem suporte quando surgir uma manutenção ou eventual problema. Nossa equipe está preparada para orientar, realizar os serviços necessários e oferecer o **acompanhamento adequado para cada veículo.**

Na Quantik, você não compra apenas um veículo: **você conta com suporte antes, durante e depois da compra,** evitando dores de cabeça, manutenções inesperadas e a falta de assistência que pode acontecer ao adquirir um veículo sem suporte especializado.

Nossa visão é ser referência em mobilidade elétrica, unindo tecnologia, inovação, empatia e segurança. Para isso, **nossos valores:** inovação, empatia, profissionalismo amigável, simplicidade e transparência, **estão presentes em cada produto e atendimento.**

Porque, para nós, mobilidade não é apenas chegar ao destino. É ter liberdade para escolher o caminho, com a tranquilidade de saber que você não está sozinho.

CONHEÇA A
QUANTIK
MOBILIDADE



Energia move o futuro, **Quantik move você.**

Realizamos assistência técnica

@quantik_mobilidade (49) 99838-6788 Quantik mobilidade

O retorno do atendimento humanizado como diferencial competitivo

Ao longo das últimas décadas, empresas de praticamente todos os setores correram em direção à automação como quem descobre uma solução mágica para todos os problemas corporativos. Aplicativos substituíram filas, chatbots ocuparam o lugar de atendentes, totens tomaram conta de restaurantes e serviços digitais prometeram experiências cada vez mais rápidas, práticas e eficientes. E, de fato, muita coisa melhorou. Hoje é possível resolver tarefas em poucos minutos sem precisar sair de casa ou enfrentar burocracias intermináveis. O problema é que, no meio dessa corrida pela eficiência, muitas empresas esqueceram um detalhe essencial: clientes continuam sendo pessoas.

O resultado dessa transformação foi um fenômeno curioso. Nunca foi tão fácil entrar em contato com empresas e, ao mesmo tempo, tão difícil sentir que existe alguém realmente disposto a ouvir do outro lado. O consumidor contemporâneo se acostumou a passar por menus automáticos infinitos, respostas padronizadas e sistemas que repetem "não entendi sua solicitação" com uma tranquilidade emocional quase provocadora. Em certos momentos, falar com um atendente humano parece mais difícil do que conseguir financiamento imobiliário. É justamente nesse contexto que o atendimento humanizado voltou a ganhar força como diferencial competitivo. O que antes era tratado apenas como cordialidade ou boa educação empresarial passou a ocupar posição estratégica na experiência do consumidor. Em mercados onde produtos, preços e tecnologias se tornam cada vez mais parecidos, a forma como uma empresa se relaciona com as pessoas voltou a fazer diferença.

A mudança acontece porque o consumidor também mudou. Hoje, clientes estão mais informados, mais exigentes e emocionalmente mais cansados. A velocidade da vida digital aumentou a expectativa por soluções rápidas, mas também reduziu a tolerância para experiências frustrantes. Quando alguém procura atendimento, geralmente já existe algum nível de problema, ansiedade ou urgência envolvida. E poucas coisas aumentam mais a irritação de uma pessoa do que sentir que está conversando com um sistema incapaz de compreender situações simples.



Isso explica por que empresas começaram a redescobrir o valor da escuta, da empatia e da personalização do contato. O atendimento humanizado não significa necessariamente longas conversas ou excesso de informalidade. Muitas vezes, ele aparece em pequenos detalhes: autonomia para resolver problemas, comunicação clara, atenção genuína e capacidade de adaptar respostas às necessidades reais do cliente. O consumidor não quer apenas rapidez; ele quer sentir que foi compreendido.

Em vários setores, esse retorno já se tornou bastante visível. Clínicas investem em recepção acolhedora, restaurantes treinam equipes para experiências mais próximas, hotéis reforçam hospitalidade personalizada e até bancos digitais passaram a destacar atendimento humano como diferencial competitivo, ironicamente depois de anos tentando convencer o público de que pessoas seriam praticamente dispensáveis no processo. Parece que o mercado descobriu algo bastante óbvio: relações humanas continuam importantes mesmo em ambientes altamente tecnológicos.

Existe também uma dimensão emocional muito forte nessa discussão. Em uma rotina marcada por excesso de telas, notificações e interações automatizadas, contatos genuínos passaram a possuir valor simbólico maior. Um atendimento respeitoso, atencioso e eficiente cria sensação de confiança e pertencimento que dificilmente é substituída por sistemas automáticos. Em alguns casos, clientes esquecem o problema inicial e lembram principalmente da forma como foram tratados.

As redes sociais ampliaram ainda mais o peso dessa experiência. Hoje, uma interação negativa pode rapidamente ganhar repercussão pública. Ao mesmo tempo, empresas que conseguem criar experiências positivas de atendimento frequentemente transformam clientes satisfeitos em divulgadores espontâneos da marca. O relacionamento deixou de acontecer apenas entre empresa e consumidor; ele agora acontece diante de uma audiência permanente.

Claro que o atendimento humanizado também enfrenta desafios. Muitas empresas defendem proximidade emocional na publicidade, mas oferecem equipes sobrecarregadas, metas agressivas e pouca autonomia operacional. Não existe cordialidade sustentável quando funcionários trabalham exaustos ou sem estrutura adequada. Em outras palavras, atendimento humanizado depende não apenas de treinamento, mas também de cultura organizacional.

Além disso, existe uma diferença importante entre humanização real e simpatia roteirizada. Consumidores percebem rapidamente quando frases empáticas foram transformadas em scripts mecânicos. Poucas coisas parecem mais artificiais do que ouvir "compreendemos perfeitamente sua situação" acompanhado de uma incapacidade absoluta de resolver o problema. O atendimento humanizado exige espontaneidade, flexibilidade e capacidade genuína de adaptação.

Isso não significa abandonar tecnologia. Pelo contrário: a tendência mais eficiente parece ser justamente a combinação entre automação inteligente e presença humana qualificada. Sistemas digitais funcionam muito bem para processos simples, organização de demandas e agilidade operacional. Mas existem situações em que nenhum algoritmo substitui completamente interpretação contextual, sensibilidade emocional ou capacidade de lidar com conflitos humanos.

O retorno do atendimento humanizado revela uma ironia interessante do mundo contemporâneo: quanto mais automatizada se torna a vida cotidiana, maior parece ser o valor das experiências verdadeiramente humanas. Empresas passaram anos tentando acelerar tudo. Agora começam a perceber que, em certos momentos, o que realmente fideliza clientes não é apenas velocidade, mas a sensação de ser ouvido, respeitado e tratado como indivíduo.

Em mercados saturados de eficiência automática, o maior diferencial competitivo pode estar justamente naquilo que nenhuma tecnologia conseguiu substituir completamente: a capacidade humana de criar conexão. ■

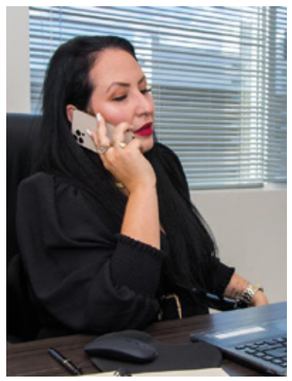
Vitor Hugo Batista Santos
Redação revista Mais Dinâmica



O Poder Da Reurb: transformação que revela cidades, valoriza patrimônios e garante direitos

As cidades brasileiras, desde os primórdios históricos dos senhores feudais, carregam consigo problemas de regularização fundiária, má distribuição de terras e ausência de planejamento das cidades que refletem ainda hoje em suas estruturas. Atrás de muros e ruas sem nome, milhares de famílias vivem em bairros consolidados, mas invisíveis aos olhos da lei e do planejamento urbano. Mudar essa realidade não é apenas uma questão de engenharia ou de cartório; é uma missão de resgate de dignidade e cidadania.

É exatamente nesse cenário que a Regularização Fundiária Urbana (REURB) se consolida como o maior instrumento de transformação social e econômica do país. Mais do que entregar escrituras, a REURB redesenha o mapa urbano, injeta valor na economia local e pacifica territórios, garantindo o direito constitucional à moradia digna.



“Nós não entregamos apenas um papel assinado. Nós entregamos o sossego de uma vida inteira. Ver o brilho nos olhos de um pai de família ao receber a escritura definitiva da sua casa, sabendo que aquele patrimônio agora é dele por direito e que ninguém pode tirá-lo dali, é o que move , a nossa equipe todos os dias”

O Poder da REURB: Muito Além do Papel

Instituída pela Lei Federal nº 13.465/2017, originada da conversão da Medida Provisória 759/2016, a REURB compreende um conjunto de medidas jurídicas, urbanísticas, ambientais e sociais, com atuação de equipes multidisciplinares, formada por engenheiros, topógrafos, arquitetos, geólogos e advogados, para sua concretização. Ela foi desenhada para integrar núcleos urbanos informais ao tecido oficial dos municípios. Quando uma comunidade passa pelo processo de regularização, os impactos são imediatos e estruturais, tais como: a) Segurança Jurídica e Garantia de Direitos, b) Valorização do Patrimônio, c) Justiça Social e Urbanismo e d) Arrecadação Municipal.

Portanto, quando falamos de REURB precisamos visualizar a ampla gama de soluções que esse processo gera, muito além da mera matrícula em nome do real proprietário e titular do direito, devendo ampliarmos também nossa visão técnica e flexibilizar a aplicação da legislação ao caso concreto analisado.

A grande barreira enfrentada hoje em diversos municípios é a dificuldade do Poder Público e de seu corpo técnico em olhar o caso concreto e consolidado apresentado, com olhos flexíveis trazidos pela LEI DO REURB (LEI 13.465/2017). O processo de REURB não é “receita de bolo” a ser seguido. Cada caso é singular a sua maneira e possui seus desafios e peculiaridades. Quando a área passa por análises técnicas, é preciso se ter em mente que estamos diante de uma situação consolidada que se formou as margens da lei e da fiscalização municipal e que, como tal, apresenta situação urbanística e, por vezes, ambientais que precisam ser resolvidas dentro da realidade.

Apesar da Lei 13.465/2017 ser alvo de diversas críticas e de uma ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI 5.771), a Lei do REURB é um grande instrumento de regularização de núcleos urbanos informais consolidados URBANOS E RURAIS, os quais, pela legislação padrão, nunca poderiam ser regularizados. Em verdade, o Poder Público não pode ignorar as comunidades e famílias que residem nessas áreas, especialmente diante da responsabilidade municipal na formação desses núcleos, em razão da ausência de fiscalização, e do crescimento desordenado das cidades, sendo uma necessidade urbanística e social trazer essas famílias para a malha urbana.

MS Regularizações Fundiárias: Protagonismo em Chapecó e Região

Embora a lei ofereça as ferramentas, a execução da REURB é complexa e exige alta capacidade técnica multidisciplinar, envolvendo engenheiros, topógrafos, arquitetos, geólogos, advogados especializados. No Grande Oeste catarinense, a MS Regularizações Fundiárias se destaca como a grande referência desse mercado, liderando o processo de transformação urbana em Chapecó e nos municípios vizinhos.

À frente desse trabalho de grande impacto social está Marjara Garcez Maciel, proprietária, CEO e gestora da MS. Advogada há 16 anos, mestra em Direito, professora de REURB em cursos de pós-graduação e renomada especialista em regularização de imóveis, já tendo inclusive ministrado, a convite, aulas no programa SABER DIREITO, da TV JUSTIÇA, canal do STF sobre o tema, ela traz para a região a bagagem de quem domina a teoria e a prática dos processos fundiários.



CANAIS DE ATENDIMENTO:

Quer saber se o seu imóvel ou o seu município pode passar pelo processo de REURB? Entre em contato com a equipe de especialistas da MS Regularizações Fundiárias:

Telefone/WhatsApp: 49 2020-0148

Instagram: @ms_regularizacoesfundiarias

Site: https://msregularizacoesfundiarias.com.br

E-mail: msregularizacoesfundi@hotmail.com

Endereço: Avenida Porto Alegre, edifício Lazio Executivo, 427D, sala 708, 7 andar, centro, Chapecó-SC. CEP 89802-130.



“Nós não entregamos apenas um papel assinado. Nós entregamos o sossego de uma vida inteira. Ver o brilho nos olhos de um pai de família ao receber a escritura definitiva da sua casa, sabendo que aquele patrimônio agora é dele por direito e que ninguém pode tirá-lo dali, é o que move a nossa equipe todos os dias”, pontua Marjara Garcez Maciel.

Além da execução do processo completo de REURB, a empresa também ministra PALESTRAS, CURSOS E TREINAMENTOS em REURB, para empresas, profissionais, servidores públicos e prefeituras.

Com ampla expertise e um corpo técnico focado em desatar os nós burocráticos dos parcelamentos de solo irregulares, a MS Regularizações Fundiárias atua de forma estratégica tanto na modalidade REURB-S (Interesse Social), voltada para populações de baixa renda, quanto na REURB-E (Interesse Específico). Assim, em Chapecó — polo econômico regional que lida com o desafio de crescer de forma ordenada — e região, a atuação da MS Regularizações Fundiárias, a cerca de 7 anos, sendo pioneira no segmento, tem sido fundamental para aproximar as comunidades da legalidade.

“Chapecó vive um momento de expansão extraordinário, mas o crescimento econômico precisa caminhar junto com a organização social. Regularizar uma área significa trazer aquela comunidade para dentro do mapa oficial da cidade. Isso atrai investimentos, permite a chegada de saneamento e infraestrutura, e transforma áreas antes desvalorizadas em bairros fortes e estruturados”, destaca a CEO da MS.

A atuação da empresa expande-se fortemente pelos municípios que compõem a região de Chapecó. Cidades menores, que muitas vezes não dispõem de estrutura técnica própria em suas prefeituras para conduzir processos complexos de REURB, encontram na MS Regularizações Fundiárias o braço executor ideal.

Conclusão: Revelando o Futuro das Cidades

Regularizar a terra é, antes de tudo, pacificar a sociedade. Quando a MS Regularizações Fundiárias atua em Chapecó e região, ela não está apenas demarcando lotes; está gerando estabilidade emocional para famílias, valorizando bairros inteiros e dando ferramentas para que os municípios planejem o amanhã. A REURB revela o potencial oculto das nossas cidades e garante que o direito à propriedade caminhe lado a lado com o desenvolvimento social.

Com a liderança técnica e o comprometimento da MS REGULARIZAÇÕES FUNDIÁRIAS, o Oeste de Santa Catarina caminha a passos largos rumo a um futuro muito mais justo, legal e próspero. ■

Salão do Imóvel Chapecó: o encontro entre oportunidades e desenvolvimento

O mercado imobiliário de Chapecó vive um momento de expansão que ultrapassa a simples construção de novos empreendimentos. O crescimento urbano da cidade, aliado ao fortalecimento econômico do Oeste catarinense, transformou o setor em um dos principais motores de desenvolvimento regional. Nesse cenário, o Salão do Imóvel Chapecó consolidou-se como um dos mais relevantes ambientes de negócios da construção civil e do mercado imobiliário do Sul do Brasil.

A edição de 2026 ocorrerá entre os dias 26 e 30 de agosto, no Parque de Exposições Dr. Valmor Ernesto Lunardi (Efapi), integrada à segunda edição da Techcon — Feira de Tecnologia, Conhecimento e Construção Civil. A expectativa dos organizadores é reunir mais de 260 expositores e aproximadamente 50 mil visitantes ao longo dos cinco dias de programação, com projeção de movimentar mais de R$ 1 bilhão em negócios.

Promovido pelo Sinduscon Oeste e pelo Secovi Oeste/SC, o evento amplia seu papel para além da exposição de imóveis e lançamentos imobiliários. A proposta atual combina negócios, tecnologia, inovação e debate sobre os desafios urbanos contemporâneos, refletindo as transformações pelas quais passa o setor da construção civil no Brasil.

Chapecó aparece como cenário estratégico para esse movimento. Nos últimos anos, a cidade registrou forte expansão imobiliária impulsionada pelo crescimento econômico regional, pela consolidação da agroindústria e pela diversificação dos investimentos urbanos. O mercado imobiliário já é apontado como a segunda principal matriz econômica do município, atrás apenas do agronegócio.



“O Salão do Imóvel tornou-se, nesse contexto, uma vitrine importante para construtoras, incorporadoras, imobiliárias, instituições financeiras e fornecedores ligados à cadeia da construção civil.”



O Salão do Imóvel tornou-se, nesse contexto, uma vitrine importante para construtoras, incorporadoras, imobiliárias, instituições financeiras e fornecedores ligados à cadeia da construção civil. Mais do que apresentar empreendimentos residenciais e comerciais, o evento funciona como espaço de articulação econômica e projeção de tendências do setor.

A integração com a Techcon reforça essa proposta. A feira paralela voltada à tecnologia e conhecimento busca aproximar inovação, sustentabilidade e soluções construtivas mais eficientes das demandas atuais do mercado. Entre os temas discutidos estão automação predial, inteligência artificial aplicada à construção civil, eficiência energética, industrialização da construção e novos modelos de gestão imobiliária.

A dimensão do evento também reflete um momento de confiança do setor imobiliário regional. Segundo dados apresentados pela organização, o mercado nacional encerrou 2025 em patamares históricos de lançamentos e vendas imobiliárias, impulsionando investimentos em cidades médias com forte capacidade de crescimento econômico, como Chapecó.

Outro fator relevante é o perfil do público que o evento atrai. Além de investidores e empresários, o Salão do Imóvel reúne consumidores finais interessados tanto no primeiro imóvel quanto em opções de alto padrão e investimentos patrimoniais. Instituições financeiras participam oferecendo linhas de crédito e condições especiais de financiamento, enquanto incorporadoras aproveitam a feira para apresentar lançamentos e projetos estratégicos.

A própria configuração urbana de Chapecó ajuda a explicar o dinamismo do setor. A cidade vive um processo contínuo de verticalização, expansão de bairros residenciais e valorização de áreas próximas aos novos eixos de desenvolvimento urbano. Regiões como a Grande Efapi e áreas próximas às avenidas Getúlio Vargas, São Pedro e Nereu Ramos concentram parte importante dos investimentos recentes em infraestrutura e novos empreendimentos.

Ao mesmo tempo, o crescimento acelerado também impõe desafios relevantes. Mobilidade urbana, pressão sobre serviços públicos, valorização imobiliária e necessidade de planejamento sustentável aparecem como temas cada vez mais presentes nas discussões do setor. A expansão da construção civil exige equilíbrio entre crescimento econômico e qualidade urbana, especialmente em cidades que vivem processos rápidos de transformação territorial.

Nesse sentido, eventos como o Salão do Imóvel assumem papel importante não apenas como ambiente comercial, mas também como espaço de debate sobre o futuro urbano da região. A presença de especialistas, empresários e representantes institucionais permite ampliar discussões sobre desenvolvimento, infraestrutura e inovação aplicada às cidades.

A edição de 2026 ainda reforça o posicionamento de Chapecó como polo regional de negócios e investimentos. A capacidade de atrair grandes eventos setoriais evidencia a maturidade econômica do município e sua influência crescente no cenário catarinense.

Mais do que uma feira imobiliária, o Salão do Imóvel Chapecó se consolida como reflexo de uma cidade em transformação. Uma cidade que cresce, verticaliza, amplia investimentos e busca construir não apenas novos empreendimentos, mas também novas perspectivas de desenvolvimento econômico e urbano para os próximos anos. ■

Vitor Hugo Batista Santos
Redação revista Mais Dinâmica



CORRETORA DE IMÓVEIS

LURDES MARIA

TRANSFORMANDO SONHOS EM ENDEREÇOS.

CRECI F 22.984

@corretora_lurdesmaria

VENDA E LOCAÇÃO DE IMÓVEIS

- Casas
- Fazendas
- Apartamentos
- Salas comerciais



(42) 99901-5245
(42) 98836-9961
(42) 99975-2357

Rua: Almeida Taques, 700 - Centro -Tibagi (PR)
lurdesmbalbino@hotmail.com

Sicredi

CATIANE LONGHI MENIN

agora é a Presidente da Sicredi Região da Produção

A Sicredi Região da Produção realizou a posse do novo Conselho de Administração, após homologação do Banco Central. O Colegiado, liderado pela presidente, Catiane Longhi Menin, e pelo vice-presidente, Saul João Rovadoscki, contará com os seguintes conselheiros: Daniel Ribeiro dos Santos (Xaxim/SC), Evandro Pedro Bernardi (Ronda Alta/RS), Leonardo Portolan (Sarandi/RS), Maieri Stivanin (Rondinha/RS), Solani Cristina Gobbi Menegazzo (Constantina/RS), Jeferson Luiz Piccoli (Xanxerê/SC), Luiz Carlos Travi (Chapecó/SC), Rodrigo Gasparini (Nonoai/RS) e Valéria Regina Amaral Torres Reis (Sete Lagoas/MG). A eleição do novo Conselho ocorreu durante A Assembleia Geral Ordinária, realizada em 14 de abril. Para marcar o novo momento de liderança da Cooperativa, a presidente compartilha sua trajetória, visão e perspectivas para o futuro da Sicredi Região da Produção.



Quem é CATIANE LONGHI MENIN?

Sou natural de Rondinha (RS), filha de Vanderlei José Longhi e Leda Teresa Tristacci Longhi, ambos agricultores. Foram pessoas, cujos valores moldaram minha base pessoal e profissional. Sou a mais velha de três irmãos e há 25 anos resido em Sarandi (RS) com meu esposo, Francis Menin, e nosso filho, João Henrique. Trago desde cedo uma percepção muito clara do meu papel na sociedade e na comunidade: a forte atuação social e comunitária. Participo de entidades, como Rotary Clube de Sarandi, APAE, Grupo de Liturgia Comunitária e NUME - Núcleo de Mulheres Empreendedoras, que contribui para o desenvolvimento de lideranças femininas e a troca constante de experiências.

PERFIL PROFISSIONAL

- 18 anos de atuação no cooperativismo de crédito
- Diretora de Operações por 11 anos na Sicredi Região da Produção
- Formação em Administração, com especializações em Gestão, Inovação e Governança e desenvolvimento de equipes.



Novo Conselho de Administração da Sicredi Região da Produção

COMO INICIOU SUA TRAJETÓRIA NO SICREDI E QUAIS SUAS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA O COOPERATIVISMO?

Minha trajetória no Sicredi iniciou há 18 anos, com apoio em recrutamento e seleção e apoio à área contábil e administrativa. Ao longo do tempo, assumi responsabilidades em diferentes frentes estratégicas da cooperativa, sempre encarando como oportunidades de crescimento pessoal e também profissional. Atuei em áreas como crédito, operações, planejamento estratégico, inovação e compliance, consolidando uma visão integrada do negócio. Um marco relevante na minha trajetória foi a atuação na Diretoria de Operações (cargo que ocupei por 11 anos e estava até o momento). Foi nessa função que contribuí diretamente para a evolução dos processos, ganho de eficiência e crescimento sustentável da cooperativa.

QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS RESULTADOS À FRENTE DA DIRETORIA DE OPERAÇÕES?

Destaco como marco estratégico a expansão da cooperativa para o estado de Minas Gerais, um movimento que exigiu planejamento, adaptação regulatória e fortalecimento das equipes, preservando a essência do cooperativismo. Esse período também foi marcado por crescimento consistente para a Cooperativa. A base de associados cresceu de 77,6 mil, em 2022, para 132,4 mil, em 2026, representando um aumento de 70,5%. No mesmo período, os recursos administrados evoluíram de R$ 4,6 bilhões para R$ 8,1 bilhões, um crescimento de 76%.

QUAIS DESAFIOS CONTRIBUÍRAM PARA O SEU DESENVOLVIMENTO COMO LÍDER?

Os principais desafios estiveram relacionados à condução do crescimento com equilíbrio entre resultados, segurança e valorização das pessoas. Em momentos de mudança e expansão, reforcei o que sempre entendi como adequado: que liderar exige escuta, sensibilidade e construção coletiva. A liderança, para mim, está menos em respostas prontas e mais na capacidade de criar ambientes de confiança, onde as melhores soluções emergem de forma colaborativa.



> *"O foco é seguir próximo dos associados e das comunidades, ampliando presença e gerando desenvolvimento econômico e social"*

COMO SUA VISÃO INTEGRADA CONTRIBUI PARA DECISÃO DE ESTAR À FRENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO?

Minha trajetória me proporcionou uma visão ampla do negócio. Entendo que operações vão além de processos e números, envolvem pessoas, inovação e sustentabilidade. Essa compreensão sistêmica permite decisões mais consistentes, alinhadas ao crescimento sustentável e à preservação dos princípios cooperativistas, que são voltados a atender as necessidades dos associados.

O QUE MAIS A MOTIVA NO COOPERATIVISMO?

O que mais me motiva é o propósito. O cooperativismo coloca as pessoas no centro e promove desenvolvimento real nas comunidades. Aprendi isso em casa, com meus pais, e vejo esse valor muito presente dentro do Sicredi. Temos um modelo de negócio que distribui resultados, fortalece vínculos e cria impacto positivo. Poder contribuir com isso, de forma colaborativa e transparente, é o que verdadeiramente me inspira.

COMO FOI SER ELEITA PRESIDENTE DA COOPERATIVA?

Recebo essa eleição com senso profundo de responsabilidade. É o reconhecimento de uma trajetória construída de forma coletiva e consistente. Assumir a presidência significa representar decisões, pessoas e valores que impactam diretamente associados, colaboradores e comunidades. Meu papel é dar sequência a um legado, construído com valores e bases sólidas.

QUAIS SÃO SEUS OBJETIVOS COMO PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA COOPERATIVA?

Meu compromisso à frente da presidência é conduzir a cooperativa com equilíbrio, proximidade e uma visão clara de futuro, mantendo sempre os associados no centro das decisões. Nesse sentido, as prioridades estão direcionadas ao fortalecimento do crescimento sustentável, à manutenção da solidez financeira e da eficiência operacional, ao desenvolvimento de pessoas e lideranças, à ampliação da presença regional e ao avanço contínuo em inovação e transformação digital, sempre mantendo a proximidade e o atendimento humano, simples e próximo aos associados. Trata-se de uma agenda que busca garantir consistência nos resultados e, ao mesmo tempo, gerar valor duradouro para os associados e para as comunidades onde atuamos.

Sua empresa pode estar pagando impostos a mais - e a Reforma Tributária exige atenção dobrada para não perder dinheiro

Muitos empresários acreditam que imposto é algo simples: a empresa vende, calcula-se o percentual e paga-se a guia no final do mês. No entanto, por trás dessa rotina, é muito comum existirem pequenos erros acumulados ao longo dos anos que fazem a empresa pagar mais do que deveria sem nem perceber.

Agora, com a chegada da Reforma Tributária, essa atenção precisa ser multiplicada. Não se trata apenas de aprender as regras novas, mas de saber lidar com o período de mudança. Afinal, a transição não acontece do dia para a noite.

O perigo dos dois sistemas rodando juntos

Durante o período de transição da Reforma Tributária, o modelo atual e o modelo novo vão funcionar simultaneamente. Na prática, a sua empresa terá que emitir notas e calcular impostos na regra antiga e na regra nova ao mesmo tempo. Se um sistema sozinho já gerava pagamentos indevidos por falhas de cadastro ou enquadramento, imagine dois funcionando juntos! O risco de pagar impostos duplicados ou errados aumenta significativamente. Por isso, ter o cálculo exato no modelo antigo e no novo será fundamental para proteger o caixa.

Recuperar o que foi pago a mais: o momento de agir é agora

Se a sua empresa vem pagando impostos acima do devido por conta de cadastros desatualizados ou regras mal aplicadas, saiba que existe uma luz no fim do túnel: a legislação permite revisar o passado e recuperar os valores pagos indevidamente nos últimos anos.

Esse dinheiro pode voltar diretamente para o caixa da empresa ou ser usado para abater impostos futuros. E por que fazer isso agora? Porque entrar na transição da Reforma Tributária com a casa organizada e o passado limpo evita que erros antigos sejam carregados para o novo sistema, além de injetar recursos financeiros exatamente no momento em que a empresa mais precisa se preparar.

"Na transição tributária, quem não revisa o passado corre o risco de duplicar os erros no futuro. O momento de organizar a casa e buscar o dinheiro pago a mais é agora."



"Durante a transição entre o modelo antigo e o novo, os dois sistemas vão funcionar ao mesmo tempo. O risco de erros aumenta, mas a oportunidade de recuperar dinheiro pago indevidamente também."

Aprofundando os 5 pontos de atenção para o seu negócio

1) Escolha do regime tributário (Simples, Presumido ou Real)

Escolher a forma de pagar imposto não é uma decisão para a vida toda. O Simples Nacional, por exemplo, nem sempre é a opção mais barata. Conforme a empresa muda a quantidade de funcionários, a margem de lucro ou o perfil de clientes, permanecer no mesmo regime "porque sempre foi assim" pode custar milhares de reais por ano. Com a Reforma, essa escolha exige um olhar ainda mais cuidadoso, pois o modo como seus clientes usam os créditos do imposto pode fazer sua empresa perder vendas se o regime for escolhido de forma errada.

2) Cadastro correto de produtos e atividades (CNAE e NCM)

Cada produto ou serviço tem um enquadramento específico na lei. Se um item for cadastrado com o código errado no sistema da empresa, o imposto será calculado de forma errada — quase sempre para cima. Muitas empresas pagam impostos sobre itens que já tiveram o tributo recolhido antes na cadeia (como na substituição tributária) por puro erro de cadastro. Corrigir isso corta gastos no ato e abre espaço para recuperar o que foi pago a mais.

3) Aproveitamento de benefícios e créditos que a lei já permite

A lei tributária brasileira oferece diversos incentivos, isenções e créditos para diferentes tipos de negócios. O problema é que, por falta de tempo ou de uma análise mais detalhada da operação, muitos empresários deixam esses benefícios passarem batidos. Aproveitar esses direitos não tem nada a ver com "sonegar": é um direito da empresa para pagar apenas o valor justo e correto.

4) Formação de preços e cálculo da margem de lucro

Muitas vezes o empresário define o preço de venda somando o custo do produto mais a margem que deseja ter. O risco é que, se o cálculo do imposto embutido estiver errado (ou se mudar com a Reforma), a margem de lucro real que sobra no bolso é bem menor do que o planejado. Entender exatamente o peso do imposto sobre cada produto é a única forma de garantir preços competitivos sem perder margem.

5) Antecipação e planejamento para não apagar incêndios

Deixar para entender a Reforma Tributária no ano em que ela estiver valendo 100% é um dos maiores riscos para a sustentabilidade da empresa. Mudar sistemas, readequar preços e treinar equipes leva tempo. Quem se antecipa consegue simular os impactos, renegociar com fornecedores e adaptar os negócios com calma, sem prejuízos no caixa.

Uma decisão fundamentada em segurança e clareza

A grande pergunta que todo empresário deve se fazer hoje é: "Eu tenho certeza de que minha empresa está pagando apenas o imposto justo, sem jogar dinheiro fora ou correr riscos com a chegada da Reforma?"

As rotinas do dia a dia contábil — como emitir guias, calcular folhas e entregar obrigações — são a base indispensável para qualquer negócio funcionar com tranquilidade. Quando somamos a essa rotina uma análise preventiva, revisões periódicas e um olhar atento às mudanças da lei, a empresa ganha clareza para crescer com segurança e saúde financeira.



ContaInvest Soluções Contábeis
Contabilidade Especializada
e Soluções Estratégicas

Além de garantir a total precisão e tranquilidade nas rotinas contábeis diárias da sua empresa, a ContaInvest apoia seu negócio com serviços especializados de inteligência e proteção financeira:

Revisão Tributária

Recuperação de Impostos Pagos a Mais

Auditoria e Correção de Cadastros

Planejamento para a Reforma Tributária

Gestão de Riscos Fiscais

Quer saber se sua empresa está pagando impostos além do necessário ou se possui valores a recuperar antes do início da transição da Reforma?

Entre em contato com a equipe ContaInvest e solicite uma avaliação do seu negócio.

containvest®
Simplifique. Evolua. Cresça

Fone: (49) 3090-2510
E-mail: contato@containvest.com
Site: sero.containvest.com.br



João paulo Eger | Para a revista Mais Dinâmica

3OFF e CMAX FORLA:

No mercado óptico, enxergar bem vai muito além de escolher uma armação bonita. Cada lente representa um projeto individual, desenvolvido para proporcionar conforto visual, precisão óptica e qualidade de vida.

Foi com essa visão que a 3OFF Prime Ótica e Joalheria consolidou sua parceria com a CMAX FORLA, um dos laboratórios ópticos que mais investem em tecnologia, inovação e controle de qualidade no Brasil.

Essa união nos permite oferecer aos nossos clientes produtos desenvolvidos com rigor técnico, processos modernos de fabricação e soluções que atendem desde a visão do dia a dia até necessidades específicas de desempenho visual.



Entre os grandes destaques dessa parceria está a linha exclusiva de lentes Mormaii, desenvolvida para pessoas que valorizam desempenho, proteção e um estilo de vida ativo. São lentes produzidas com tecnologia avançada, proporcionando excelente definição visual, proteção contra os raios UV e tratamentos que aumentam a durabilidade e o conforto durante o uso.

Na 3OFF acreditamos que um bom atendimento começa com orientação técnica. Antes de indicar qualquer lente, analisamos o perfil visual, a rotina e as necessidades de cada cliente para recomendar a solução mais adequada. Afinal, vender um óculos não é apenas entregar um produto; é oferecer saúde visual, segurança e bem-estar.

A parceria entre 3OFF e CMAX FORLA representa exatamente esse compromisso: unir conhecimento técnico, inovação e atendimento personalizado para entregar uma experiência diferenciada a cada cliente.

Convido você a conhecer nossa estrutura, experimentar a qualidade das lentes Mormaii e descobrir como a tecnologia óptica pode transformar sua forma de enxergar o mundo. ■

Valcimar Nunes
Consultor Óptico - 3OFF Prime Ótica e Joalheria

Para a revista Mais Dinâmica

Cmax Forla
#parceriadefuturo
&
3OFF
PRIME
ÓTICA E JOALHERIA

PARCERIA
DE EXCELÊNCIA



Rua Marechal Deodoro da Fonseca, 514D,
Sala 4 - Centro - Chapecó/SC
@otica_30FF_chapeco
(49) 99818-1475

AURORA COOP

Aurora · Aurora Premium · Aurora Bem Leve · Nobre · Alegra · Gran Mestri



t12.com.br

109
ANOS DE UMA
CHAPECÓ QUE
CRESCE JUNTO.

O trabalho, a coragem e o espírito coletivo movem a cidade.

Foi aqui que a Aurora Coop nasceu.

E é aqui que seguimos construindo, lado a lado, solo fértil para quem deseja cooperar e prosperar.

Feliz aniversário, Chapecó!

O Novo Integralismo Brasileiro

O Integralismo foi um movimento político surgido no Brasil na década de 1930. Tratava-se de uma mobilização de direita fundado em 1932 com o nome de Ação Integralista Brasileira (AIB). Participaram, como líderes, Plínio Salgado, Gustavo Baroso e Miguel Reale, este reconhecido como o pai do Novo Código Civil Brasileiro de 2003.

Na década de 1930, Plinio Salgado já participava de grupos que caracterizavam a ascensão da direita no Brasil. Foi então que realizou uma viagem a Europa e, em visita a Itália, ficou fascinado com o regime fascista italiano, que tinha como lema "Deus, Pátria e Família"Em razão disso resolveu adotar como lema do Integralismo "Deus, Pátria e Família".

A palavra "Deus" indicava a influência religiosa cristã, estando a figura divina em primeiro lugar e ocupando o cimo da estrutura hierárquica social, já que era Deus "que dirigia o destino dos povos". A Pátria era definida como "nosso lar". A pretensão era formar uma unidade da população brasileira dentro do território. Por fim, a Família era tratada



como a menor unidade de organização social dentro da proposta integralista. A família seria o "início e fim de tudo", a garantia da manutenção da tradição, veiculada por essa forma de organização social.

Assim, podemos caracterizar o integralismo como um movimento nacionalista, fundado em preceitos religiosos, familiares e nacionalista. O integralismo brasileiro foi conhecido como o maior movimento de direita da história do Brasil. No entanto, no Governo Vargas (Estado Novo 1937), que era de esquerda, os integralistas foram perseguidos e os partidos foram extintos. A partir desse momento, os integralistas não conseguiram mais se organizar com a mesma força.

Como é sabido, os brasileiros, em sua maioria, tem uma formação cristã. Ou seja, contra o aborto, a ideologia de gênero (menino é azul e menina é rosa), a liberação de drogas, a corrupção, etc. Além disso, buscam a defesa da família. Aliás, um movimento parecido surgiu nos Estados Unidos nos anos 1970, chamado "Maioria Moral" (Majority).

Atualmente, no Brasil, consolida-se uma direita cristã. Tanto que dos deputados eleitos 71% manifestaram-se em prol de uma campanha identitária religiosa. Isto indica a importância do discurso da direita sobre política.

Mais do que votos, a direita cristã conquistou um merecido espaço político no Brasil. Importante destacar que, nas eleições de 2022, o candidato Jair Bolsonaro usou o slogan "Deus, Pátria e Família" como lema de campanha. Assim, podemos concluir que, diante da formação cristã do povo brasileiro, aliado ao respeito à Pátria e à família, está surgindo um novo integralismo brasileiro. O resultado das eleições municipais de 2024 demostra isso. ■

Írio Grolli
Para a revista Mais Dinâmica



Assessoria
GO AMERICA
MAIS INFORMAÇÕES:
49 99836-6693





A nostalgia virou negócio

Em algum momento dos últimos anos, alguém percebeu que vender lembranças dava muito dinheiro. E funcionou. Bastou relançar um refrigerante com embalagem antiga, trazer de volta um tênis dos anos 2000, colocar uma música do início da adolescência em um vídeo de internet ou anunciar o retorno de uma série "clássica" para milhões de pessoas reagirem da mesma forma: "meu Deus, minha infância".

A nostalgia deixou de ser apenas sentimento e virou estratégia de mercado. Hoje, empresas entenderam que memória afetiva vende quase tão bem quanto novidade. Em alguns casos, vende até mais. Afinal, lançar algo totalmente novo exige convencer o público. Já relançar algo que as pessoas amavam cria uma vantagem enorme: a conexão emocional já vem pronta, e as marcas exploram isso o tempo inteiro.





A indústria da moda talvez seja um dos exemplos mais evidentes. Tendências que muita gente jurou nunca mais usar simplesmente voltaram como se nada tivesse acontecido. Calças largas, óculos coloridos, jaquetas oversized, tênis robustos e até peças consideradas "cafonas" nos anos 2000 retornaram com status fashion.

O curioso é perceber que boa parte dessas tendências reaparece justamente para uma geração que dizia ter vergonha das próprias fotos antigas. Na música, o movimento é parecido. Vinil voltou. CD virou item cult. Bandas dos anos 1990 e 2000 retornaram aos palcos com turnês lotadas, enquanto músicas antigas vivem novas fases de sucesso graças às redes sociais. Basta uma faixa tocar em vídeos virais para reaparecer imediatamente nas playlists de milhões de pessoas.

O cinema e as plataformas de streaming também descobriram rapidamente o poder do saudosismo. Reboots, continuações tardias, remakes e revivals se multiplicaram numa velocidade impressionante. Tem continuação de filme que demorou tanto para sair que parte do público já assiste pensando no valor do colesterol e não mais na emoção adolescente da estreia original. Mesmo assim, funciona. Porque nostalgia não depende apenas da qualidade da obra, depende da lembrança que as pessoas têm daquele momento da vida.

O mercado percebeu outro detalhe importante: em tempos acelerados e instáveis, o passado parece confortável. Relembrar objetos, músicas, jogos e programas antigos transmite uma sensação de familiaridade difícil de encontrar em meio ao excesso de informações do presente.

Por isso, até produtos considerados ultrapassados ganharam nova vida. Câmeras digitais compactas voltaram a circular entre jovens, videogames clássicos reapareceram em versões modernas e celulares com design retrô começaram a despertar interesse justamente por parecerem mais "simples".

Existe quase uma estética da lembrança sendo construída. As redes sociais ajudaram muito nisso. Vídeos com frases como "só quem viveu sabe" ou "se você lembra disso, sua coluna dói" transformaram a nostalgia em linguagem da internet. O humor também virou parte essencial desse processo. Afinal, rir das próprias referências antigas faz com que as pessoas se sintam parte de uma geração específica. E poucas coisas engajam mais do que a sensação coletiva de envelhecimento compartilhado.

As empresas sabem exatamente disso. Não por acaso, campanhas publicitárias vivem resgatando personagens antigos, jingles clássicos e referências da infância do público. A lógica é simples: emocione primeiro, venda depois. A nostalgia virou um dos produtos mais lucrativos da atualidade. E o mais curioso é que ela funciona justamente porque não parece produto. Parece memória. ■



Vitor Hugo Batista Santos | Redação revista Mais Dinâmica

Revista Mais Dinâmica:

18 anos acompanhando quem faz acontecer

Dezoito anos parecem pouco quando medidos no calendário, mas são tempo suficiente para transformar completamente uma cidade, uma região e até a forma como as pessoas se comunicam. Em 2008, quando a Revista Mais Dinâmica começou sua trajetória, o mundo ainda aprendia a conviver com smartphones, as redes sociais davam seus primeiros passos como fenômeno cotidiano e Chapecó vivia um momento de expansão econômica que ainda parecia distante do tamanho que alcançaria anos depois. Desde então, muita coisa mudou, e a revista esteve presente acompanhando cada uma dessas transformações.



Ao longo desses 18 anos, a Revista Mais Dinâmica atravessou quatro Copas do Mundo completas e chega agora à quinta vivendo o mesmo desafio que acompanha toda comunicação regional relevante: continuar próxima das pessoas enquanto o mundo acelera. Entre uma Copa e outra, o Oeste catarinense cresceu, se urbanizou, verticalizou bairros, ampliou sua influência econômica e consolidou Chapecó como um dos principais polos de desenvolvimento do Sul do Brasil.

A cidade que a revista viu em 2008 era bastante diferente da Chapecó atual. O trânsito era menor, os prédios altos ainda não dominavam tantas regiões urbanas e bairros que hoje concentram intensa expansão imobiliária ainda começavam a crescer. A Grande Efapi se transformou, novos loteamentos surgiram, parques urbanos foram revitalizados e o mercado imobiliário passou a ocupar posição central no desenvolvimento econômico local. Ao mesmo tempo, a cidade ampliou universidades, fortaleceu o setor de serviços, consolidou eventos empresariais e expandiu sua presença regional em áreas como saúde, tecnologia, comércio e inovação.

A Revista Mais Dinâmica acompanhou esse movimento edição após edição, registrando histórias, empresas, projetos e personagens que ajudam a construir a identidade do Oeste catarinense. Mais do que observar o desenvolvimento regional, a publicação ajudou a criar espaços de visibilidade para empreendedores, profissionais, lideranças e iniciativas locais que muitas vezes não encontravam espaço na comunicação tradicional.

> **“Esse trabalho carrega diretamente a dedicação de seus responsáveis, Marli B. Roberto e José Roberto, que transformaram a revista em um projeto de comunicação conectado à realidade regional e comprometido com o fortalecimento de negócios, informação e relacionamento.”**

Esse trabalho carrega diretamente a dedicação de seus responsáveis, Marli B. Roberto e José Roberto, que transformaram a revista em um projeto de comunicação conectado à realidade regional e comprometido com o fortalecimento de negócios, informação e relacionamento. Ao longo dos anos, a publicação construiu sua trajetória mantendo proximidade com leitores, parceiros e empresas que cresceram junto com ela.

Mas nenhuma revista atravessa quase duas décadas sozinha. A história da Mais Dinâmica também é construída por dezenas de colaboradores que participaram (e continuam participando) dessa caminhada. Jornalistas, designers, profissionais comerciais, parceiros editoriais e equipes de bastidores ajudaram a transformar cada edição em um retrato do momento vivido pela região. Em publicações como essa, existe sempre um trabalho silencioso acontecendo longe das capas: reuniões, pautas, fechamento de edição, produção de conteúdo e a correria típica de quem trabalha com comunicação em um mundo que muda diariamente.

E mudanças não faltaram nesses 18 anos. A revista testemunhou a consolidação das redes sociais, a transformação do consumo de informação, a migração do impresso para o ambiente digital e a velocidade cada vez maior da comunicação contemporânea. Viu empresas tradicionais se reinventarem, novas marcas surgirem e setores inteiros se transformarem com tecnologia e inovação. Também acompanhou momentos difíceis, como crises econômicas, períodos de instabilidade política e os impactos profundos da pandemia sobre empresas, cidades e pessoas.

No caso de Chapecó, houve ainda acontecimentos que marcaram emocionalmente toda a região. A tragédia envolvendo a Chapecoense, em 2016, talvez tenha sido o episódio mais doloroso da história recente da cidade. A revista esteve presente naquele período em que Chapecó precisou reaprender a seguir em frente, revelando ao país uma capacidade coletiva de solidariedade, reconstrução e união que ultrapassou fronteiras. Ao mesmo tempo, a região continuou avançando. O Oeste catarinense se consolidou como potência do agronegócio, ampliou sua força industrial, fortaleceu o empreendedorismo e passou a atrair cada vez mais investimentos. Chapecó recebeu novos eventos, modernizou espaços públicos, ampliou infraestrutura urbana e consolidou sua posição estratégica no cenário econômico catarinense.

A própria Revista Mais Dinâmica também precisou se reinventar ao longo desse percurso. O leitor mudou. Os formatos mudaram. A velocidade da informação mudou. Ainda assim, permaneceu algo essencial: o interesse por histórias reais, negócios locais, desenvolvimento regional e pessoas que fazem acontecer diariamente.

Talvez esse seja o principal significado desses 18 anos. Mais do que contabilizar edições publicadas, a trajetória da revista representa uma presença contínua ao lado de uma região em transformação. Entre Copas do Mundo, mudanças urbanas, crescimento econômico e novas gerações, a Mais Dinâmica acompanhou não apenas os fatos, mas o movimento de uma sociedade inteira construindo seu próprio futuro.

E se os próximos anos forem tão intensos quanto os últimos dezoito, certamente ainda haverá muitas histórias para contar. ■

Vitor Hugo Batista Santos
Redação revista Mais Dinâmica



17º Encontro da Imprensa Catarinense reuniu mais de 500 profissionais em Chapecó

O ENCONTRO DA IMPRENSA CATARINENSE – considerado o maior evento da comunicação de Santa Catarina – foi realizado pela 17ª vez em Chapecó, sob organização da Associação Catarinense de Imprensa/Casa do Jornalista (ACI) e da agência MB Comunicação, no dia 1º de agosto, na Casa do Chefe Eventos, em Chapecó.

Participaram cerca de 550 profissionais de todas as áreas da comunicação, entre jornalistas, radialistas, publicitários, relações públicas, docentes, colunistas, influenciadores digitais, cinegrafistas, técnicos e empresários do setor. A programação contou com solenidade, homenagens e almoço de confraternização entre profissionais de todas as regiões catarinenses.

A presidente da ACI, Déborah Almada, e o coordenador do evento, Marcos Bedin, destacaram que, na ocasião, foram homenageados quatro profissionais com 50 anos de atuação na área da comunicação: Inácio Rohden, Ivan Ramos, Evory Pedro Schmitt e Luís Meneghim. "Nestas 17 edições do Encontro, já homenageamos 80 profissionais de comunicação de todo o Estado. É um momento de celebração e de agradecimento ao profissionalismo da mídia catarinense", enalteceu Bedin.

O Encontro da Imprensa foi totalmente patrocinado por empresas e instituições parceiras, sem custos para os participantes.

FIESC

A Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC) foi a entidade escolhida para ser homenageada neste ano durante o 17º Encontro da Imprensa Catarinense. A distinção reconhece a contribuição da instituição ao desenvolvimento econômico, social e institucional do Estado, bem como sua relação histórica com a imprensa catarinense.

Representante de mais de 64 mil estabelecimentos industriais, responsáveis por mais de 930 mil empregos, a FIESC atua na promoção de um ambiente favorável aos negócios, na defesa da indústria catarinense, no estímulo à inovação e na valorização da qualidade de vida e da educação dos trabalhadores.

Com 141 sindicatos filiados, é a federação industrial com o maior número de sindicatos do país. Integram o Sistema FIESC o SENAI/SC, o SESI/SC, o IEL/SC e o CIESC, instituições que ampliam sua atuação nas áreas de educação, tecnologia, inovação, saúde, segurança e desenvolvimento empresarial.

Para o presidente da FIESC, Gilberto Seleme, a comunicação deve ser compreendida como uma relação de mão dupla, baseada no diálogo, na oferta de informação qualificada e no respeito aos profissionais da imprensa. "A FIESC tem uma extensa trajetória de relacionamento com a imprensa de Santa Catarina e com entidades representativas do setor, entre elas a própria ACI, tendo construído laços de confiança e conquistado credibilidade e uma reputação pautada na transparência e no respeito aos profissionais catarinenses".

Ao longo dos anos, a entidade manteve uma relação sólida com a imprensa e com instituições representativas da comunicação, entre elas a Associação Catarinense de Imprensa/Casa do Jornalista (ACI). Essa aproximação tem como um de seus exemplos mais expressivos o Prêmio FIESC de Jornalismo, realizado desde 1988 com o apoio da ACI.


Gilberte Seleme

"O Prêmio FIESC de Jornalismo representa a valorização da nossa imprensa profissional e reconhece o papel imprescindível do jornalismo para a sociedade, seu compromisso com a isenção, com boas histórias e com a prestação de serviços à comunidade", ressalta Seleme.

Em um cenário marcado pela ampla circulação de desinformação, a FIESC também destaca a importância do jornalismo comprometido com a verdade. "Em tempos de disseminação massiva de fake news, nunca foi tão necessário ser crítico na avaliação das informações que chegam até nós. O jornalismo profissional é agora mais importante do que nunca. Os veículos de comunicação têm uma grande oportunidade de reafirmar sua relevância, ao se posicionarem como fontes de notícias fidedignas, em meio a redes sociais que nem sempre têm os mesmos compromissos", sublinha o presidente.

INÁCIO ROHDEN

Com meio século de atuação na radiodifusão do extremo-oeste, o radialista e jornalista Inácio Rohden foi um dos homenageados. Rohden é natural de Itapiranga (SC), onde nasceu em 11 de novembro de 1955. É filho de Beno e Anita (falecidos), sendo o mais velho de nove irmãos (dois falecidos), e pai de três filhas (Francieli, Marieli e Mariah Vitória). Estudou e trabalhou na agropecuária junto à família até os 19 anos. Graduou-se em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Unoesc de São Miguel do Oeste, onde também fez pós-graduação em Gestão da Comunicação. Profissionalmente, possui os registros de radialista e jornalista.

Ainda enquanto cursava o segundo ano do curso Técnico em Contabilidade (ensino médio), surgiu a oportunidade de trabalhar na Rádio Itapiranga, com carteira assinada a partir de 1º de setembro de 1975. Em pouco menos de quatro anos, atuando em praticamente todas as funções da emissora, mudou-se para Mondaí, onde iniciou suas atividades na Rádio Porto Feliz. Em abril de 1999, optou por trabalhar na Rádio Raio de Luz FM 100.5, em Guaraciaba, onde permanece em atividade.

A paixão pelo rádio despertou entre os 12 e 13 anos de idade. Ouvia muito e se inspirava nos locutores das emissoras da região, de Porto Alegre (Guaíba, Gaúcha, Farroupilha e Difusora) e de Florianópolis (Diário da Manhã e Guarujá), que continuam sendo suas referências até hoje. Nas horas de estudo e nas folgas, lia em voz alta e brincava de radialista.


Inácio Rohden


Ivan Ramos

Na Rádio Raio de Luz FM, que integra o grupo WH Comunicações, produz e apresenta as notícias de hora em hora e o noticioso Chamada Geral, ao meio-dia. Aos sábados, apresenta um programa de entrevistas, das 7h às 7h45, e, das 9h às 12h, o Controle Total, um programa de variedades. Aos domingos, comanda um programa musical das 14h às 19h.

Na 103 FM, em São Miguel do Oeste, grava reportagens, boletins e as notícias de hora em hora no período da tarde. Também produz reportagens para o portal wh3.com.br.

IVAN RAMOS

Com uma trajetória marcada pela dedicação ao cooperativismo, agronegócio e às causas de interesse coletivo, o comunicador Ivan Ramos foi homenageado durante o 17º Encontro da Imprensa Catarinense.

Natural de Campos Novos (SC), Ivan Ramos tem 76 anos e construiu uma carreira sólida ao longo de mais de cinco décadas de atuação profissional. Formado em Contabilidade, iniciou sua vida profissional ainda jovem, aos 13 anos, em Capinzal, onde atuou como frentista de posto de combustíveis, chegando posteriormente à função de gerente, cargo que ocupou por cinco anos. Em 1971, ingressou por concurso público na antiga Acaresc, como auxiliar da Coordenação Regional de Cooperativismo, com sede em Videira, atuando diretamente junto às cooperativas do meio-oeste catarinense. Na sequência, assumiu a função de coordenador regional técnico da Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina (Ocesc), ampliando sua atuação no setor.

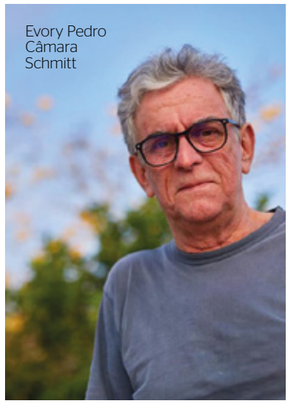
Integra o grupo técnico responsável pela fundação da Fecoagro, em 1975, entidade na qual assumiu a diretoria administrativa no ano seguinte, permanecendo até 1982. Sua experiência também inclui atuação no setor público, como chefe de gabinete da Secretaria da Agricultura no Governo do Estado e exerceu funções como secretário de Planejamento e da Fazenda no município de Concórdia.

Além da atuação administrativa, sempre valorizou a comunicação como ferramenta essencial para o fortalecimento do cooperativismo. É jornalista provisionado, com formação técnica na área, e foi responsável pela criação de programas de rádio e publicações voltadas às cooperativas, contribuindo para a difusão de informações e integração do setor.

Atualmente, é diretor executivo da Fecoagro, membro do conselho de administração do SESCOOP/SC e supervisor editorial dos programas de rádio e televisão da entidade. Reconhecido nos meios empresarial, político e de comunicação, Ivan Ramos mantém uma atuação pautada pela defesa do cooperativismo, do agricultor e da participação cidadã, com visão suprapartidária e compromisso com o desenvolvimento coletivo.

EVORY PEDRO SCHMITT

Um dos jornalistas mais versáteis – atuou nas editorias de esporte, política e economia – com uma trajetória de 50 anos na comunicação, Evory Pedro Câmara Schmitt recebeu homenagem na décima-sétima edição do Encontro da Imprensa Catarinense.


Evory Pedro Câmara Schmitt

Evory é natural de Porto Alegre (02/04/1955) e trabalha desde 1975 como jornalista em Santa Catarina. Foi repórter esportivo no jornal O Estado (1976 a 1984), coordenador de equipe de esportes na sucursal do Jornal de Santa Catarina (1985 a 1988) em Florianópolis, subeditor no Diário Catarinense nas editorias de geral, economia e política (1991 a 1995) e repórter de política em A Notícia (2002 a 2004).

Graduou-se em Jornalismo na UFSC, em 1986. Foi correspondente das revistas do grupo Visão, de São Paulo, e colaborador da revista Empreendedor e do semanário Bom Dia, Domingo, de Florianópolis, além de repórter na Rádio Guarujá, também da Capital.

Trabalhou com assessorias a clientes da agência Publicentro, foi assessor da Caixa de Assistência dos Advogados, criou a assessoria de comunicação Signotexto, que teve entre seus clientes a Sadia Concórdia na área esportiva, a Ceval Bela Vista de Gaspar, no tênis, e a então recém-criada Fundação Municipal de Esportes de Florianópolis. Trabalhou na divulgação de clubes como Lagoa Iate Clube, Clube Doze e Veleiros da Ilha, na Capital.

Em Concórdia, entre 1989 e 1991, trabalhou no semanário O Jornal e na Rádio Rural, além de participar da estruturação do jornal Fomento, dirigido à integração

da empresa agropecuária e na divulgação das ações da Fundação Municipal de Esportes.

Estreou na assessoria política em 1985 com a campanha que elegeu o ex-governador Henrique Córdova a deputado constituinte. Desde 1999 assessorou diversos parlamentares na Assembleia Legislativa, em especial da bancada do MDB, a partir de 2004.

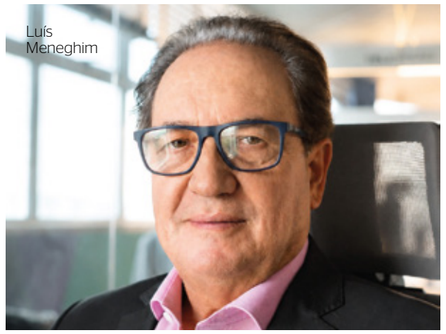
Foi assessor no parlamento estadual dos líderes de governo Herneus De Nadal, hoje presidente do Tribunal de Contas, e do então deputado João Henrique Blasi, hoje desembargador no Tribunal de Justiça. Fez parte das equipes de comunicação dos presidentes da ALESC, deputados Moacir Sopelsa e Mauro De Nadal. Desde agosto do ano passado está na Agência ALESC, trabalhando como repórter e redator.

LUÍS MENEGHIN

Luís Meneghim é jornalista, com 50 anos de atuação na imprensa catarinense. Iniciou a sua carreira em 1975 como redator publicitário em Joinville e ingressou como repórter no jornal A Notícia na maior cidade do Estado, em 1976, onde chegou à direção. Além de jornalista, tem formação em Psicologia e especializações no Brasil e na Espanha, na Universidade de Navarra. Atualmente, é Diretor de Conteúdo do Grupo ND, responsável pela produção jornalística de todas as plataformas de mídia. Lidera a direção editorial de seis emissoras de TV, do jornal ND do portal de notícias NDMais.

Meneghim teve papel importante na transformação digital do jornalismo catarinense ao participar, em 1999, do lançamento do site de A Notícia, um dos primeiros portais jornalísticos do país. Em 2007, ingressou no Grupo RIC, atual Grupo ND, para lançar o jornal Notícias do Dia em Joinville. Posteriormente, dirigiu os jornais do grupo em Joinville e Florianópolis, até assumir a direção editorial da empresa.

Ao longo da carreira, também se destacou na cobertura do setor automotivo, tendo editado o caderno AN Veículos, apresentado


Luís Meneghim

o programa Carro News e participado da fundação da Associação Brasileira de Imprensa Automotiva (Abiauto). Foi membro do Conselho Consultivo da Escola Bolshoi de Joinville e integra o Conselho Superior da Associação Catarinense de Imprensa (ACI).

Em 2024, foi homenageado pelo Centro de Engenheiros e Arquitetos de Joinville (Ceaj) por sua contribuição à comunicação e à valorização das profissões de engenharia e arquitetura.

CINEMA E JORNALISMO

Registrar em vídeo a trajetória de veteranos da comunicação e realçar a importância da imprensa livre foram alguns dos objetivos dos acadêmicos dos cursos de Jornalismo e de Cinema da Unochapecó que participaram do 17º Encontro da Imprensa Catarinense.

A parceria foi firmada pelo coordenador do Encontro da Imprensa, Marcos Bedin e pela coordenadora dos cursos de Jornalismo e de Cinema, professora Angélica Luersen. Os videodocumentários tiveram como matéria-prima pesquisas e depoimentos dos profissionais que receberam homenagem por completar 50 anos de atividade profissional na área de comunicação.

"Os depoimentos dos veteranos são valiosos e servem de orientação e estímulo para as novas gerações de jornalistas que estão ingressando no mercado", observa Bedin.

PROGRAMAÇÃO MUSICAL

Os participantes do 17º Encontro da Imprensa Catarinense foram recepcionados pelos acordes do saxofonista Anderson Amaral no início da programação, às 11 horas. Anderson é natural de Chapecó e iniciou seus estudos na área musical aos 11 anos, como violonista. Formou-se em Teoria Musical e em instrumentos de sopro pelo Conservatório de Música de Chapecó e, desde 2002, atua como professor de saxofone e Teoria da Música.

À tarde, a animação da festa ficou por conta da tradicional Banda Finco, que apresentou um repertório eclético, passando pelos hinos do sertanejo e pelos clássicos do pop rock nacional. Também subiu ao palco o cantor e comunicador chapecoense Ronei Zanette, que agradou ao público com um repertório que contemplou MPB, rock, samba, jazz, choro, rap e sertanejo.

APOIADORES OFICIAIS

O 17º Encontro da Imprensa Catarinense contou com o apoio das empresas e instituições: Aurora Coop, Sebrae/SC, Faesc/Senar/SC, Xap Tower, Agência T12, Fiesc, Unimed Chapecó, Icasa, Sindicarne, Acav, Fecoagro, Unoesc, Unochapecó, Sanagiotto & Feroldi Investimentos Imobiliários, KA Empreendimentos, BM CL Incorporadora (Residencial Ventura), Apti Alimentos, Acic Chapecó, Sicom, CDL Chapecó, Socicam/Voe Xap/Aeroporto Chapecó, Cooperalfa, SM Santa Maria, Studio Vivian, ARIS (Agência Reguladora Intermunicipal de Saneamento), Grupo Oliveira, Nilo Tozzo Distribuidora Ltda., Sicredi RS/SC/MG, Sicoob Central SC/RS, Facisc, CSM Produtos Químicos, UCEFF, Sistema Ocesc, Prefeitura de Chapecó e Dalla Cervejaria. O evento também contou com o apoio do Lang Palace Hotel, Mogano Hotéis, Mércur Indústria Gráfica, Inviolável e Vale do Sol Eventos.

APOIADORES INSTITUCIONAIS

O maior evento da mídia barriga-verde também contou com o apoio de todas as entidades de representação da comunicação catarinense: Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (ACAERT), Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina (ADJORI), Associação de Diários de Santa Catarina (ADI), Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado de Santa Catarina (SINDEJOR), Sindicato das Agências de Propaganda (SINAPRO), Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina (SJSC), Associação dos Cronistas Esportivos de Santa Catarina (ACESC), Associação dos Portais de Notícias e Jornais Digitais de Santa Catarina (APJ) e Clube da Imprensa de Chapecó. ■

MB Comunicação | Para a revista Mais Dinâmica





Dormir bem é o novo luxo?

A ciência por trás do descanso de qualidade

Tem gente que acorda cansada antes mesmo de sair da cama. O despertador toca, o corpo levanta, o café entra em cena e a sensação é de que o dia começou no meio de uma maratona. Curiosamente, isso se tornou tão comum que quase ninguém estranha mais quando alguém diz que dormiu quatro horas, virou a noite trabalhando ou passou horas rolando o celular sem conseguir pegar no sono.Talvez esse seja um dos sinais mais claros do nosso tempo: descansar virou um desafio coletivo.

Existe uma ironia nisso tudo. Nunca houve tanta conversa sobre autocuidado, equilíbrio e saúde mental, mas, ao mesmo tempo, nunca estivemos tão cansados. O sono, que deveria ser uma das funções mais naturais do corpo humano, passou a disputar espaço com notificações, ansiedade, prazos, streaming, redes sociais e uma sensação permanente de urgência. E o organismo sente cada minuto dessa bagunça.

A verdade é que dormir não é apenas "desligar". Enquanto a gente acha que o corpo está parado, ele continua trabalhando intensamente. O cérebro organiza informações, filtra memórias, regula hormônios e literalmente limpa resíduos metabólicos acumulados ao longo do dia. É quase como se a madrugada fosse um turno invisível de manutenção interna. Quando esse processo falha, tudo começa a desandar um pouco.

A paciência diminui. O humor oscila. A concentração vai embora no meio de tarefas simples. O raciocínio fica lento. O corpo pede açúcar, cafeína e qualquer coisa que



entregue energia rápida. Não é coincidência que noites mal dormidas estejam relacionadas ao aumento da fome, ao ganho de peso e até à piora da saúde emocional.

O problema é que muita gente já se acostumou a funcionar no limite. Existe uma espécie de orgulho silencioso em estar exausto. Frases como "dormi só três horas" ou "estou sobrevivendo no café" aparecem quase como troféus da vida adulta. Em certos ambientes profissionais, inclusive, descansar ainda é confundido com falta de comprometimento. Como se o cansaço extremo fosse prova de competência. Só que o corpo não entende essa lógica. Ele responde biologicamente. E responde rápido.

Nos últimos anos, pesquisadores passaram a observar o sono com muito mais atenção. E os resultados começaram a assustar. Dormir mal de forma contínua pode aumentar riscos de hipertensão, ansiedade, depressão, diabetes e doenças cardiovasculares. Além disso, a privação do sono interfere diretamente na memória, na tomada de decisões e até na capacidade de lidar emocionalmente com pequenos problemas do cotidiano.

Talvez por isso tanta gente esteja tentando recuperar aquilo que perdeu sem perceber: a capacidade de descansar de verdade. Basta olhar ao redor. Aplicativos que monitoram ciclos do sono, máscaras com tecnologia térmica, sprays relaxantes para travesseiro, playlists específicas para dormir e relógios inteligentes que analisam cada movimento noturno se tornaram parte da rotina de milhões de pessoas. Existe toda uma indústria tentando vender algo que deveria acontecer naturalmente. E, de certa forma, isso diz muito sobre o momento atual.

Dormir profundamente passou a ser quase experiência premium. Um quarto silencioso, uma noite sem interrupções e oito horas seguidas de descanso parecem artigo de luxo em uma realidade marcada por excesso de estímulos e pouca pausa mental.

Mas existe também um detalhe curioso nessa obsessão moderna pelo "sono perfeito". Algumas pessoas transformaram o descanso em mais uma meta de performance. Não basta dormir. É preciso atingir a porcentagem ideal de sono profundo, monitorar cada fase da madrugada e acordar com disposição impecável às cinco da manhã. Até o descanso ganhou métricas.

Só que o corpo humano não funciona exatamente como um aplicativo de produtividade. Às vezes, dormir bem também envolve imperfeição, rotina possível e menos cobrança. Porque existe uma diferença enorme entre cuidar da saúde e transformar cada aspecto da vida em uma meta de alta performance.

Talvez a grande questão nem seja quantas horas dormimos. A discussão parece mais ligada ao fato de que estamos esquecendo como desacelerar. O cérebro permanece ligado o tempo inteiro. A atenção nunca descansa completamente. Sempre existe alguma tela acesa, alguma preocupação pendente ou alguma necessidade de responder imediatamente. E talvez seja justamente por isso que uma boa noite de sono tenha se tornado tão valiosa. Não porque dormir virou moda, tendência ou ritual estético de internet. Mas porque, em uma rotina onde quase tudo exige rapidez, conseguir descansar de verdade passou a ser uma das poucas formas reais de recuperação. ■

Vitor Hugo Batista Santos
Redação revista Mais Dinâmica

A nova era do emagrecimento:

o que mudou com os medicamentos de última geração

Durante muito tempo, falar sobre emagrecimento era quase sinônimo de ouvir as mesmas recomendações: dieta restritiva, exercícios físicos e aquela velha promessa de "força de vontade". Nos últimos anos, porém, essa conversa mudou bastante. Os medicamentos de última geração transformaram a forma como a medicina enxerga a obesidade e abriram um novo capítulo no tratamento do peso corporal.

Hoje, nomes como Ozempic, Wegovy e Mounjaro deixaram de circular apenas nos consultórios médicos e passaram a fazer parte das conversas do dia a dia, das redes sociais e até das rodas de amigos. Ao mesmo tempo em que despertam curiosidade, esses medicamentos também levantam dúvidas, polêmicas e expectativas quase milagrosas. Mas afinal: o que realmente mudou?

A principal transformação talvez esteja na forma como a obesidade passou a ser encarada. Durante décadas, muita gente tratou o excesso de peso como uma simples falta de disciplina. Hoje, a ciência entende que a obesidade é uma doença complexa, influenciada por fatores hormonais, genéticos, emocionais e metabólicos. E é justamente nesse ponto que entram os novos medicamentos.

Diferentemente dos antigos inibidores de apetite, que muitas vezes agiam diretamente no sistema nervoso e carregavam uma fama cercada de efeitos colaterais, os remédios mais modernos atuam em mecanismos hormonais ligados à saciedade. Em termos simples, eles ajudam o cérebro e o organismo a entenderem mais rapidamente que o corpo já está satisfeito.

Na prática, muitos pacientes relatam algo curioso: a diminuição do chamado "barulho da comida". Aquela sensação constante de pensar no próximo lanche, de sentir fome o tempo inteiro ou de viver numa eterna negociação mental com a geladeira começa a diminuir. Para quem convive há anos com compulsão alimentar ou dificuldade de controle, isso representa uma mudança profunda, não apenas física, mas também emocional.

Outro ponto que chama atenção é a eficácia. Estudos recentes mostram perdas de peso significativamente maiores do que as observadas com medicamentos tradicionais. Algumas pessoas conseguem eliminar 15%, 20% ou até mais do peso corporal ao longo do tratamento, especialmente quando os remédios são associados a mudanças de hábitos.

Claro que esse cenário ajudou a impulsionar uma verdadeira febre das chamadas "canetas emagrecedoras". E aí começa um problema importante: muita gente passou a enxergar esses medicamentos como atalhos rápidos para alcançar um padrão estético.

Nas redes sociais, o assunto ganhou contornos quase irreais. Vídeos prometendo "corpo perfeito em poucos meses", influenciadores exibindo resultados impressionantes e celebridades comentando discretamente o uso das medicações contribuíram para criar uma aura de solução mágica. Só que a realidade é mais complexa.

Os médicos alertam que esses medicamentos não substituem alimentação equilibrada, atividade física ou acompanhamento profissional. Eles funcionam como parte de um tratamento, e não como um milagre embalado em forma de caneta.

Além disso, os efeitos colaterais existem. Náuseas, vômitos, desconfortos gastrointestinais e perda de massa muscular podem ocorrer, especialmente quando o uso acontece sem supervisão adequada. Há também uma preocupação crescente com a banalização do consumo e com a compra irregular de produtos sem autorização sanitária.



Outro debate importante envolve o acesso. Embora os medicamentos tragam resultados promissores, o custo ainda é alto para boa parte da população brasileira. Dependendo da medicação e da dose, o tratamento pode ultrapassar facilmente milhares de reais por mês. Isso faz com que a chamada "nova era do emagrecimento" ainda seja bastante desigual.

Ao mesmo tempo, a indústria farmacêutica segue acelerando pesquisas. Novas moléculas estão sendo desenvolvidas com a promessa de resultados ainda mais expressivos e menos efeitos adversos. Há estudos envolvendo medicamentos orais, combinações hormonais mais potentes e tratamentos personalizados conforme o perfil metabólico de cada paciente.



Tudo indica que estamos apenas no começo dessa transformação. Mas talvez a maior mudança não esteja apenas nos remédios em si. Ela está na maneira como começamos a compreender o emagrecimento. Aos poucos, a culpa individual vai dando espaço para uma visão mais humana e científica sobre o corpo, a alimentação e a saúde metabólica.

No fim, os medicamentos de última geração não representam apenas uma novidade farmacêutica. Eles mostram que o emagrecimento passou a ser tratado de forma mais ampla, considerando fatores hormonais, emocionais e metabólicos que antes eram ignorados ou simplificados.

Ainda existem exageros, promessas irreais e muita desinformação circulando sobre o tema. Mesmo assim, é impossível negar que algo mudou. Pela primeira vez em muitos anos, a conversa sobre perda de peso começa a sair do campo da culpa e entra, aos poucos, em um debate mais consciente, humano e próximo da realidade de quem convive diariamente com a obesidade. ■

Vitor Hugo Batista Santos
Redação revista Mais Dinâmica



O novo traje executivo:

como o terno se reinventou para a era da flexibilidade

Existe uma cena que praticamente desapareceu dos escritórios: homens apertando o nó da gravata no elevador às oito da manhã enquanto tentam equilibrar café, mochila e celular. E o visual executivo mudou desde essa época.

O terno, que por anos foi tratado quase como obrigação corporativa, passou por uma transformação silenciosa. Saiu aquela imagem engessada do executivo que parecia pronto para uma reunião em 1997 e entrou uma versão muito mais confortável, funcional e próxima da vida real. Hoje, o homem não quer apenas parecer elegante. Ele quer conseguir respirar dentro da própria roupa.

A mudança no ambiente de trabalho teve impacto direto nisso. O crescimento do home office, das empresas com dress code flexível e das rotinas híbridas fez com que a moda masculina executiva precisasse encontrar um novo equilíbrio. O visual formal demais começou a parecer distante da realidade de quem participa de reuniões pelo notebook, trabalha em cafés ou passa o dia alternando entre compromissos profissionais e pessoais. O resultado apareceu na alfaiataria.

Os ternos ficaram mais leves, os tecidos mais maleáveis e as combinações muito menos previsíveis. A gravata perdeu protagonismo, o tênis ganhou espaço e o blazer deixou de funcionar exclusivamente como peça de escritório. Hoje, ele aparece com camiseta básica, polo de tricô, calça mais solta e até jeans escuro sem transmitir desleixo.

A ideia do executivo "duro" perdeu força. Entrou em cena um homem que busca sofisticação sem parecer inacessível. Isso também explica o sucesso das peças de alfaiataria contemporânea. Muitas marcas passaram a investir em tecidos tecnológicos, modelagens mais confortáveis e estruturas menos rígidas. Existem paletós que parecem jaquetas leves, calças sociais com elasticidade e conjuntos pensados justamente para acompanhar a correria do cotidiano sem sacrificar mobilidade. A praticidade virou parte da elegância masculina.



Outra mudança importante está na relação emocional dos homens com a própria roupa. Antigamente, muita gente usava terno porque precisava. Agora, o uso acontece de forma mais consciente e muito mais ligada ao estilo pessoal. O homem contemporâneo escolhe a alfaiataria como extensão da imagem que quer transmitir.

O excesso de formalidade perdeu espaço para produções mais naturais. Tons como areia, verde oliva, azul claro e cinza ganharam relevância justamente porque ajudam a quebrar aquela estética corporativa excessivamente séria. Ao mesmo tempo, cortes mais amplos começaram a aparecer em coleções masculinas, substituindo um pouco a obsessão pelos modelos extremamente ajustados que dominaram os anos 2010.

Existe também uma influência clara da moda casual nesse novo visual executivo. O conforto, que antes parecia incompatível com sofisticação, virou prioridade. E isso alterou completamente a forma como os homens enxergam a alfaiataria. Um bom terno não é apenas bonito no espelho, ele precisa funcionar na rotina. Precisa acompanhar viagens, longas horas de trabalho, deslocamentos, reuniões e até compromissos sociais depois do expediente. O traje executivo deixou de existir apenas dentro do escritório porque o próprio escritório deixou de ser um espaço tão fixo quanto antes.

Ainda assim, o terno continua carregando um simbolismo forte. Ele segue associado à presença, confiança e elegância masculina. A diferença é que agora faz isso de maneira muito menos rígida. Ninguém quer mais parecer preso dentro da própria roupa. ■

Vitor Hugo Batista Santos
Redação revista Mais Dinâmica

rafano

28

ANOS

DE HISTÓRIA E CONQUISTAS

rafano

Investimentos

O TEMPO COMPROVA.
A EXPERIÊNCIA FAZ A DIFERENÇA.

Representante autorizado do Consórcio União

Consórcio UNIÃO
União Catarinense

CREDIBILIDADE que constrói confiança.

COMPROMISSO com o seu sonho.

RESULTADOS que geram conquistas.

49 3323 0330